



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GENÉTICA, BIODIVERSIDADE

E CONSERVAÇÃO

**COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE TREPADERAS DO PARQUE NACIONAL DE
BOA NOVA, BAHIA, BRASIL**

GIRLANDE DE SOUZA BRANDÃO

Jequié – BA

2014

GIRLANDE DE SOUZA BRANDÃO

**COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE TREPadeiras DO PARQUE NACIONAL DE
BOA NOVA, BAHIA, BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Genética, Biodiversidade e Conservação.

Orientador: Prof. Dr. Marccus Vinicius da Silva Alves

Coorientadora: Profa. Dra. Guadalupe Edilma Licon de Macedo

Jequié – BA

2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GENÉTICA,
BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO – PPGBC**

Campus Jequié-BA

DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO

Título: Composição florística de trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil.

Autora: Girande de Souza Brandão

Orientador: Marccus Vinicius da Silva Alves

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM GENÉTICA, BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO, área de concentração: GENÉTICA, BIODIVERSIDADE E CONSERVAÇÃO, pela Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Marccus Vinicius da Silva Alves
Universidade Federal de Pernambuco
Presidente

Profa. Dra. Ana Maria Walschmidt
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Examinador

Profa. Dra. Alessandra Caiafa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Examinador

Profa. Dra. Guadalupe Edilma Licon de Macedo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Suplente

Prof. Dr Marcio de Lacerda Martins
Universidade Feredal do Recôncavo da Bahia

Suplente

PPGGBC

Data da realização: 30 de Abril de 2014

Rua José Moreira Sobrinho, s/n – Jequiezinho – Jequié/BA – 45.206-190
Telefones: (73) 3528-9725 / 3528 9661 – E-mail: ppggbc@uesb.edu.br /

ppggbc@gmail.com

PPGGGBC

*Dedico à todos os amantes da
natureza e suas incríveis
teias.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai de amor, pela constância, pelo cuidado e por permitir que eu conhecesse pessoas incríveis durante esse período. E por todas as pedras no caminho, elas me fizeram melhor.

A coordenação do curso de pós-graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação e ao Programa de Formação de Recursos Humanos da Petrobrás (PFRH211) pela concessão da bolsa e auxílios financeiros através da taxa de bancada.

Ao projeto Diversidade Florística, Conservação e Limites da Floresta Atlântica no Nordeste do Brasil, através do New York Botanical Garden pelo apoio recebido.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié, em especial a Curadoria do Herbário pela utilização das instalações desde o período de estágio e mestrado.

A gestão do Parque Nacional de Boa Nova, através do Osmar Borges e o guia local, Josafá Sampaio, na identificação das áreas que delimitam a unidade de conservação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marccus Alves, quem me apresentou o desafio de estudar um grupo tão desconhecido por mim, me mostrou o caminho, as possibilidades, assim como todo apoio no desenvolvimento deste trabalho. Sou muito agradecida pela oportunidade de trabalhar com você.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Guadalupe Licon de Macedo, pela parceria, aprendizados, amizade maravilhosa, a qual despertou em mim o fascínio pelas plantas e amor à pesquisa, além do suporte durante esta pesquisa.

Aos curadores e equipe dos herbários ASE, UFP, HST, IPA, CEPEC, UFRB pelo apoio e estrutura para as consultas aos acervos. Com destaque especial para o HUESB que além de receber as amostras, ofereceu todo apoio logístico e coletas, meus sinceros agradecimentos aos funcionários queridos, Rosana, Rogérsia e Anselmo.

Agradeço ao meu auxiliar de campo, amigo Gerivaldo Silva Souza, por todas as companhias em coletas, escaladas em árvores, olhos atentos e partilha dos seus valiosos conhecimentos sobre plantas tão importantes para esta pesquisa.

Aos companheiros do laboratório de Morfotaxonomia Vegetal pelos aprendizados, trocas científicas e momentos de descontração, Msc. Jefferson Maciel, pelas nossas conversas e risadas, Me Bruno Amorim, Me. Ana Raquel Lourenço, Me. Edlley Pessoa, Me. Aline Meira, Marcos Chagas, Prof. Dr. Rafael Louzada pelas dicas, conselhos acadêmicos e amizade. Em especial, aos parceiros das noites e finais de semana de trabalho nessa intensa vida de mestrando, James e Geadelande, como irmãos nos apoiamos, nos motivamos e rimos muito, foram imprescindíveis para mim, vocês são muito especiais.

Á querida Regina Carvalho que além de ilustrar este trabalho com excelência, me proporcionou momentos cheios de história, arte e cultura pelas ruas de Recife, uma grande amiga.

Aos pesquisadores e especialistas que com muita presteza contribuíram para a identificação das espécies: Dra. Milene de Castro (Bignoniaceae), Dr. Luciano Paganucci (Fabaceae), Dr. Júlio Lombardi (Vitaceae), Dra. Teresa Buri (Convolvulaceae), Dra Teonildes Numes (Passifloraceae), Dra. Ângela Miranda (Apocynaceae), Dr. Alessandro Rapini (Apocynaceae), Dr. André Amorim (Malpighiaceae), Me. Ariclens Araújo (Aristolochiaceae), Me. Rafael de Almeida (Malpighiaceae), Me. Géssica Costa (Cucurbitaceae), Me. Diogo Araújo (Dioscoreaceae), Me. Michela Del Rei (Menispermaceae), Msc. Luiz Aquino (Sapindaceae) e Me. Caetano Troncoso (Asteraceae).

A minha família em Recife pela hospedagem, cuidado e carinho, Emily, Marcella, Patrícia, Guilherme, Renata, Lúcio, Liane e Luana, pessoas que sublimavam meus momentos de saudade da família e me apresentaram essa cidade que amo, muito obrigada.

Aos colegas de mestrado, Jacqueline, Laiana, Priscila, Jaline, Sendi, Alexandre, Mariana e Manuelle pelos perrengues de atraso da bolsa, momentos de consolo mútuo e risadas infundáveis, obrigada pela parceria de vocês. Aos amigos de importantes laços construídos, Bianca e Matheus, pelo abrigo e motivação em Feira de Santana.

Aos meus pais, Edilza e Joel, pelo infundável apoio em todas as decisões que eu tomo pelas súplicas ao alto, pelo abraço no choro e sorrisos nas conquistas, amo vocês. Meus irmãos, Ítalo, Laiande e Layza pelo carinho e ajuda; aos familiares e amigos que torceram por esta etapa e deram força quando meus pés estavam exaustos. Ao casal de amigos Vanessa Zuliani e Sérgio Siqueira, pela sensibilidade e carinho incrível da amizade

de vocês. Assim como Soraya e Fábio, Sibely e Lucas, Vivian e Emerson, Sara e Amir, Gregório e Jenifer, Paulo e Nilda, vocês me impulsionaram demais.

Ao meu amado, Diego, sua compreensão com minhas ausências me fizeram te enxergar com ainda mais amor. Obrigada pelo estímulo, curiosidade e carinho pelo meu trabalho, companhias nas coletas, edição de imagens e amor sem tantas cobranças. Eu te agradeço e amo você.

Agradeço de maneira grandiosa a todos que acreditaram junto comigo e me deram apoio para que esse projeto fosse concretizado e se tornado real.

PPGGGBC

Só a natureza é divina, e ela não é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar a linguagem dos homens
Que dá personalidade às cousas,
E impõe nome às cousas.

Mas as cousas não tem nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado

Bendito seja eu por tudo que sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há sol.

Fernando Pessoa

RESUMO

A Floresta Atlântica é uma das mais ricas florestas em biodiversidade e a segunda mais ameaçada do mundo. No estado da Bahia os índices de diversidade e endemismo de plantas são altos, apesar da notável falta de estudos florísticos. As plantas trepadeiras são caracterizadas por germinarem e apresentarem o hábito trepador sem perder o contato com o solo durante toda a vida. No que diz respeito às relações ecológicas, as plantas trepadeiras promovem supressão e alteração na regeneração de clareiras, conexão entre o dossel e dinâmica de fenofases das árvores. Devido à importância das trepadeiras na estrutura de uma floresta, aponta-se a necessidade de estudos mais aprofundados. Portanto o objetivo do estudo foi realizar inventariar e registrar a diversidade de espécies trepadeiras em uma área de Mata Atlântica na porção sudoeste do estado da Bahia. O Parque Nacional de Boa Nova está localizado em uma região de transição entre Caatinga e Mata Atlântica, esta última formada duas fisionomias: Floresta Ombrófila Densa e Floresta Estacional Semidecídua. As coletas dos espécimes foram realizadas mensalmente de maio/2012 a setembro/2013. Os indivíduos foram coletados preferencialmente em flor e/ou fruto. Como resultado, foram listadas 130 espécies pertencentes a 76 gêneros e 27 famílias. As famílias com maior representatividade no Parque foram Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae, Cucurbitaceae e Malpighiaceae que juntas compõem cerca de 50% das espécies registradas na área. Os gêneros mais diversos foram: *Passiflora*, *Ipomoea*, *Dioscorea*, *Heteropterys* e *Smilax*. Foram registradas 22 espécies (17% do total encontrado no Parque) consideradas endêmicas da Mata Atlântica, além de seis novas ocorrências para a região Nordeste do Brasil e duas espécies vulneráveis no estado de conservação. Além disso, foram registradas quatro novas ocorrências para a Bahia e quatro espécies consideradas endêmicas da Caatinga, encontradas na Floresta Estacional Semidecídua. Com relação aos mecanismos de escalada observados, 55% das espécies apresentam caule volúvel, 38% são preênses e 7% do total de espécies são escandentes. Foi elaborada uma chave de identificação, baseada em caracteres vegetativos, para as espécies encontradas nas áreas do parque. Os resultados reforçam a importância de inventários florísticos na formação de parâmetros reais que assegurem os programas de conservação do bioma. A diversidade de trepadeiras na área confirma o seu valor ecológico no contexto da porção central da Mata Atlântica do Brasil e enfatiza a importância da área como prioritária para conservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Bahia, Floresta Estacional Semidecídua, Floresta Ombrófila Densa, Lianas, Mata Atlântica.

ABSTRACT

The Atlantic Forest is considered one of the richest forest in biodiversity and second most threatened in the world. Even with the lack of knowledge the Brazilian state of Bahia shows high rates of diversity and endemism. Climbing plants are characterized by its climbing habit connected to the soil for all life. According to the ecological aspects the climbing plants promote suppression and changing in regeneration of deforested areas, canopy connection and dynamics of trees phenophases. Due to the importance of climbing plants in the structure of forest, deeper studies about it are necessary. Therefore, our aim was to produce a checklist of climbing plants from the National Park of Boa Nova. The National Park of Boa Nova located in a transition region between Caatinga and Atlantic Forest biomes, the last one with two physiognomies: Ombrophylous Forest and Seasonally Semideciduous Forest. The collecting of specimens were undertaken monthly from May 2012 to September 2013. It was sampled preferably specimens with flowers and/or fruits. The main result presents a list with 130 species in 76 genera and 27 families. The most diverse families in the area were Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae, Cucurbitaceae and Malpighiaceae, in which represent about 50% of the species recorded. The most representative genera were: *Passiflora*, *Ipomoea*, *Dioscorea*, *Smilax* and *Heteropterys*. There were recorded 22 species (17% of the total found in the Park) endemic to Atlantic Forest, six species are new records to Northeastern region Brazil and two Vulnerable according the IUCN criteria. In addition, there were four new records for Bahia and four species endemic to the Caatingal. In relation to climbing mechanisms was observed that 55% of the species present voluble stem, 38% are prehensile and 7% of the total species are scandent. An identification key based on vegetative characters for species of National Park was developed. The results reinforce the importance of floristic inventories in develop of parameters that safe the integrity and the biome conservation programs. The diversity of climbing plants in the area confirms its ecological value in the central portion of the Atlantic Forest of Brazil context, emphasizing the importance of this area as a priority for biodiversity conservation.

Keywords: Lianas, Atlantic Forest, Ombrophylous Forest, Seasonally Semideciduous Forest and Bahia.

SUMÁRIO

Resumo	ix
Abstract	x
Lista de figuras	12
Lista de tabelas	14
Fundamentação teórica	15
Descrevendo a Paisagem.....	15
Caracterização geral das trepadeiras.....	20
Estudos sobre trepadeiras no Brasil: Estado da arte.....	25
Referências Bibliográficas.....	33
Capítulo 1: Trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil	39
Resumo.....	40
Abstract	40
Introdução.....	41
Material e Métodos.....	43
Resultados e Discussão.....	46
Referências Bibliográficas	87
Capítulo 2: Guia de campo para identificação de trepadeiras da porção central da Floresta atlântica do Brasil	100
Guia de campo de trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova.....	101
Considerações finais	108
Anexo 1. Tabela de espécies com voucher, mecanismo de ascensão e localização de no Parque	109

LISTA DE FIGURAS

Fundamentação teórica

- Figura 1.** Regiões da Mata Atlântica reconhecidas como corredores de biodiversidade e os quatro centros de endemismo no hotspot18
- Figura 2.** Unidades geoambientais da região Sudoeste da Bahia20
- Figura 3.** Localização do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia Brasil21

Capítulo 1

- Figura 1.** Localização do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia Brasil20
- Figura 2.** Aspecto geral dos fragmentos florestais encontrados no Parque Nacional de Boa Nova. A e B: Áreas de Floresta Estacional Semidecídua. C e D: Áreas de Floresta Ombrófila Densa21
- Figura 3.** Distribuição das famílias de acordo com a diversidade de espécies registradas para a área.45
- Figura 4.** Distribuição das famílias de acordo com a diversidade de gêneros registrados para a área.48
- Figura 5.** A. *Fevillea passiflora* Vell, glândulas. B. *Ipomoea regnellii* Meisn, sépala externa ciliada; B'. Sépala interna ciliada; e B''. *Ipomoea triloba* L, sépalas externas ciliadas. C. *Strychnos brasiliensis* (Spreng.) Mart, espinhos patentes nos nós dos ramos. D. *Mandevilla microphyla* (Stadelm.) M.F. Sales & Kinoshita, base da folha com tufo de pelos. E. *Blepharodon pictum* (Vahl) W.D.Stevens, coleteres nodais no ramo; E' Vista ampliada dos coleteres. F. *Serjania cuspidata* Cambess., caule com tricomas nas costas longitudinais. G. *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers, gavinha trífida. H. *Davilla kunthii* A. St.-Hil, caule com ritidoma papiráceo. I. *Pereskia aculeata* Mill., caule com aoréola de espinhos. J. *Dolichandra unguiculata* (Vell.) L. G. Lohmann, caule com ritidoma papiráceo e gavinha trífida uncinada. K. *Matelea ganglionosa* (Vell.) Rapini, coleteres na lâmina foliar. L. *Mandevilla moricandiana* (A.DC.) Woodson, detalhe para os coleteres nodais. M. *Sequiaria aculeata* Jacq., espinhos recurvados nos nós dos

ramos. **N.** *Aristolochia labiata* Willd, pseudo estípula no caule. **N'.** Detalhe da pseudo estípula com forma suborbicular.....97

Figura 6. **A.** *Smilax siphilitica* Humb. & Bonpl. ex. Willd., detalhe para as alas filiformes da bainha. **B.** *Gouania blanchetiana* Miq., Folha inteira; **B'** Vista da margem foliar; **B''** Detalhe para as glândulas na margem. **C.** *Passiflora malacophylla* Mast., glândulas sésseis no pecíolo. **D.** *Passiflora alata* Curtis, caule quadrado e glândulas estipitadas no pecíolo. **E.** *Passiflora foetida* L., tricomas glandulares na folha. **F.** *Passiflora organensis* Gardner., manchas ocelares (glândulas). **G.** *Passiflora cincinnata* Mast., folha inteira e pecíolo; **G'** Ampliação das glândulas sésseis no pecíolo. **H.** *Passiflora suberosa*, glândulas côncavas estipitadas. **I.** *Odontocarya vitis* Miers, domáceas na folha. **J.** *Dioscorea cinnamomifolia* Hook., tricomas negros na folha. **K.** *Prestonia bahiensis* Müll.Arg., vista da inserção da folha no ramo; **K'** Detalhe para os coleteres interpeciolares. **L.** *Jacquemontia ferruginea var. ambigua* Choisy., tricomas estrelados na folha.98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Classificação dos diferentes tipos de mecanismos de ascensão segundo diferentes autores	24
Tabela 2. Riqueza de espécies de trepadeiras em diferentes regiões e fisionomias vegetacionais do Brasil	30
Tabela 3. Trabalhos com trepadeiras realizados em fragmentos na porção central da Mata Atlântica	47

PPGGGBC

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A paisagem da Mata Atlântica

1.1. A Mata Atlântica

A mata atlântica possuía uma área original: 1.306.421 km² / 11% do território brasileiro, sendo considerada uma das mais ricas em biodiversidade e a segunda floresta mais ameaçada de extinção do mundo (Ribeiro *et al.* 2009).

É um dos principais domínios morfoclimáticos do Brasil e se estende por toda porção leste, incluído ainda parte da Argentina e o leste do Paraguai (Galindo-Leal & Câmara 2005). Não faz fronteira com outros biomas florestados Sul americanos e está no entorno da diagonal seca da América do Sul, cuja formação é de Caatinga, Cerrado e Chaco (Batalha-Filho & Miyaki 2011).

A denominação Floresta Atlântica é utilizada para uma determinada região fitoecológica designada como floresta úmida, onde em seu sentido amplo envolve as formações vegetacionais: florestas ombrófila densa e mista, estacional semidecidual (Oliveira Filho & Fontes 2000) ou ainda, sob o nome Mata Atlântica, pode agrupar formações ombrófilas, estacionais, restingas, manguezais e campos de altitude (Joly *et al.* 1999).

De acordo com Thomas *et al.* (2008), as florestas tropicais úmidas são caracterizadas por receberem mais que 2000 mm de chuva por ano. Já Veloso (1992) usou a elevação para subdividir em: Terras baixas (5 a 100m de elevação), Submontana (100 a 600m), Florestas montanas (acima de 600m), Floresta Ombrófila Densa Submontana (100 a 600m) e Floresta Ombrófila Densa Montana (600 a 800m).

As Florestas Secas diferem das tropicais úmidas pelo crescimento mais baixo (altura raramente acima de 10m a 12m), além do número significativo de árvores decíduas, baixa diversidade e precipitação anual de 1000-2000 mm (Daly & Mitchell 2000). Veloso (1992) separa Florestas Semidecíduas (com período seco distinto e predomínio de árvores adaptadas ao estresse hídrico) das Decíduas, com precipitação anual de 1000-1600 mm. O

autor ainda separa dentro das Florestas Estacionais Semidecíduas, as Florestas de Terras baixas ou mata de tabuleiro, com elevações de 20 a 100m.

De acordo com Neiman (1989), a paisagem atual do Nordeste apresenta um quadro de degradação bastante acentuado, sendo raras as áreas originais e intactas. Se medidas urgentes não forem tomadas, como a preservação da vegetação natural e implantação de uma agricultura bem planejada, não será possível evitar a perda total dessa região.

1.2. Mata Atlântica na Bahia

Segundo Galindo-Leal & Câmara (2005), o estado da Bahia ainda tem cerca de 10% de sua área coberta por florestas, ao passo que, anteriormente, mais de 83% era coberta por floresta ombrófila densa, com pequenas manchas de florestas semidecíduas, pastagens abertas com vegetação de pequeno porte e florestas abertas.

Somado a isto, Carnaval & Moritz (2008) com base em modelos paleoclimáticos da última glaciação (cerca de 20.000 anos) para a Mata Atlântica, sugeriram a existência de evidentes refúgios florestais (florestas densas úmidas, isoladas por vegetação aberta, que se retraíam no período glacial) originários do Pleistoceno no corredor central da Mata Atlântica, mais precisamente nos estados da Bahia e Pernambuco (Figura 1).

Todavia, eles não aliaram ao modelo diferenças no gradiente altitudinal, o que possivelmente resultou na ausência de áreas florestadas estáveis ao sul deste domínio morfoclimático (Batalha-Filho & Miyaki 2011).

Segundo Brasil (1981), a variedade do clima e topografia da Bahia permite uma grande diversidade vegetal. Consoante com o sistema de “Classificação fisionômico-ecológica das formações neotropicais” (Veloso & Góes 1982), cinco regiões fitoecológicas são definidas pelo Radam Brasil (Brasil 1981): savana (Cerrado), estepe (Caatinga), floresta ombrófila densa, floresta estacional semidecídua e floresta estacional decidual, somado às áreas de formações pioneiras com influência marinha e fluviomarinha (vegetação de restinga e manguezal), regiões de tensão ecológica (contatos entre tipos de vegetação), regiões de refúgio ecológico e de ação antrópica.

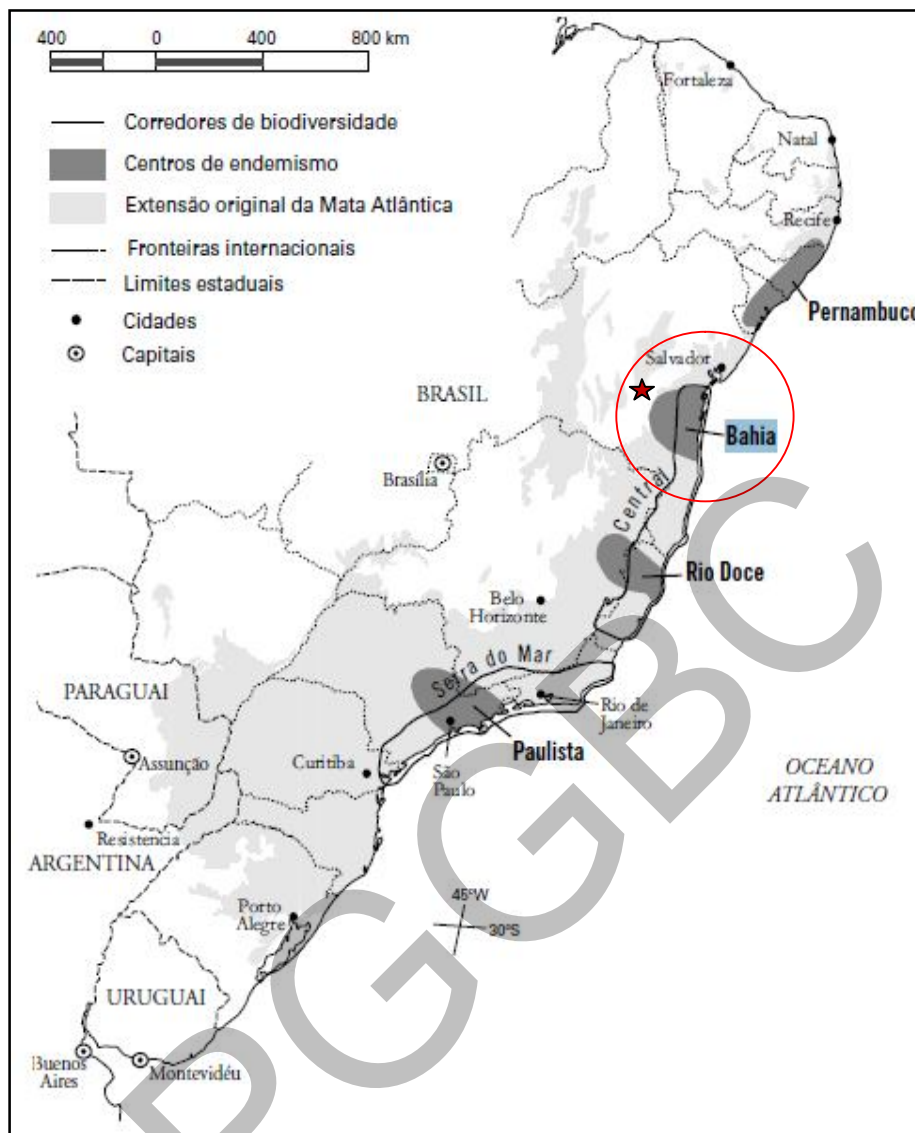


Figura 1. Regiões da Mata Atlântica reconhecidas como corredores de biodiversidade e os quatro centros de endemismo no *hotspot*. Área com círculo sinalizando o centro de diversidade da Bahia e destaque para a localização aproximada do PARNA de Boa Nova. (Adaptado de Galindo-Leal & Câmara 2005).

A Floresta Ombrófila Densa ocupa na Bahia, terrenos arqueozóicos, envolvendo relevos de planaltos constituídos por rochas com escudo granito, incluindo cadeias marginais. Caracteriza a formação de serras estruturais acima de 600m e planaltos

rebaixados com menos de 300m, delimitados por elevações alinhadas na direção noroeste-sudoeste. (Brasil 1981).

A Floresta Ombrófila Densa possui 57% da riqueza de espécies de Angiospermas dentre as fisionomias da mata atlântica seguida da Floresta Estacional Semidecídua com 23% (Stehmann *et al.* 2009).

Por outro lado, a Floresta Estacional Semidecidual ocupa superfícies pré-cambrianas, abrangendo relevos planálticos e de piemontes formados por rochas granitizadas e áreas terciário-quadernárias que formam o pediplano central da Chapada Diamantina. O conceito ecológico dessa formação está ligado as estações climáticas bem definidas, uma chuvosa e outra seca, com estacionalidade foliar dos indivíduos arbóreos (queda de 20% a 50% das folhas). (Brasil 1981).

1.3. Sudoeste da Bahia

A Região Sudoeste está localizada entre 13°02'-16°00'S e 39°00'-41°49'W E apresneta clima sub-úmido a seco, relevos planos, solos do tipo Latossolos e vegetação de Floresta Estacional Decidual e Semidecidual (transição entre Mata Atlântica e Caatinga, denominada de “mata de cipó”). Essa fisionomia vegetacional apresenta espécies arbóreas, típicas de Mata Atlântica, agregadas com espécies da Caatinga. Os remanescentes desta formação caracterizam uma fisionomia estruturada em dossel, um estrato intermediário e um estrato herbáceo (Novaes & São Jose 1992).

O solo da região sudoeste da Bahia é composto por um mosaico de unidades geoambientais (Figura 2), das quais se destacam, para a região do município de Boa Nova, Maciço Central, Patamares do Médio Rio das Contas e as Serras Marginais. A localização aproximada da área de estudo dentro dessas unidades é na porção das Serras Marginais, cujo planalto na região é resultado do soerguimento dos domínios de Planaltos Cristalinos (Rocha 2008).

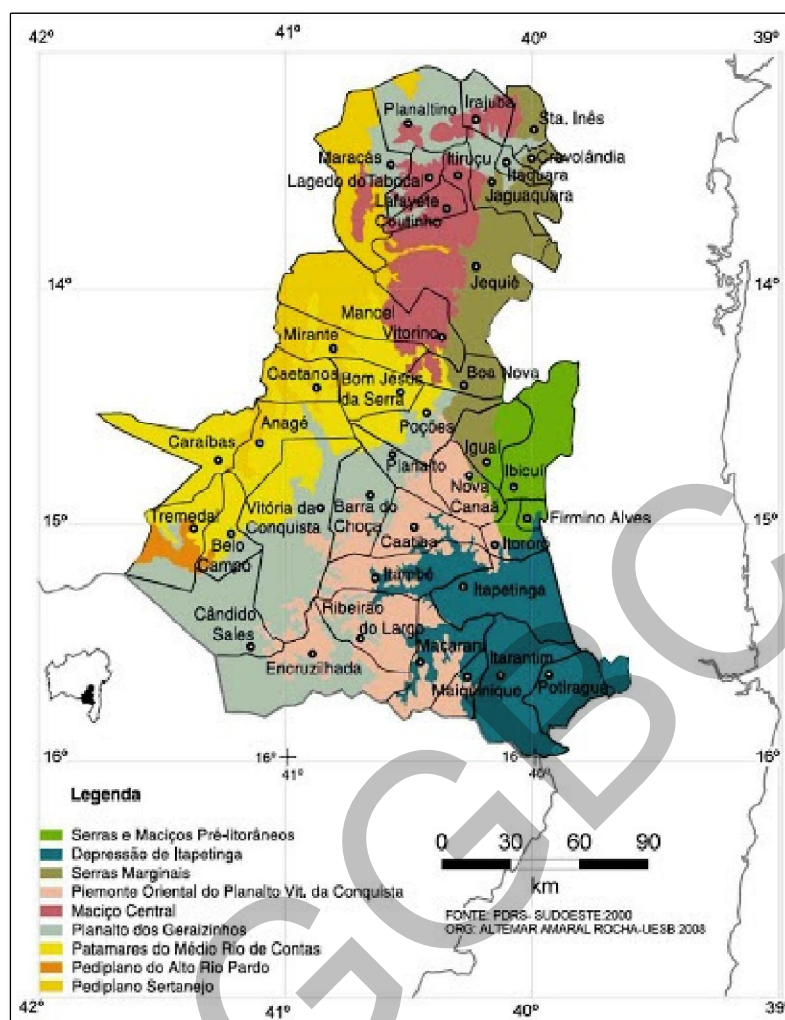


Figura 2. Unidades geambientais da região sudoeste da Bahia. (Adaptado de Rocha 2008).

1.4. Parque Nacional de Boa Nova

O Parque Nacional de Boa Nova foi criado em 2010 (Decreto s/nº de 11 de junho de 2010) e está localizado no município de Boa Nova, e uma pequena porção nos municípios vizinhos, Manoel Vitorino e Dário Meira, região sudoeste do estado da Bahia. Localizado a cerca de 130 km da costa, tem altitude entre 600-1000m. O seu contorno é irregular e fragmentado por uma rodovia (BR-030) e ocupado por fragmentos de Mata Atlântica (Floresta Estacional Semidecídica e Floresta Ombrófila Densa) e Caatinga (Figura 3). A área de estudo é um enclave de Mata Atlântica situado no chamado Polígono das Secas.

É marcado pelo alto grau de antropização através do impacto das atividades de agricultura, pastoreio e criação de bovinos, equinos e suínos, sendo esta última com uma infraestrutura de grande porte, com sistema de drenagens para um dos afluentes do Parque. Contudo vale ressaltar, que a Unidade de Conservação foi recentemente criada e as atividades aos poucos tem sido atenuadas, à medida que o processo de implementação do PARNA ocorre. Apesar das pressões negativas decorrentes das atividades da comunidade na área, o Gravatezeiro (*Rhopornis ardesiacus*) é um símbolo motivador, como espécie-bandeira da região.

Assim, a gestão do PARNA, a SAVE Brasil e o Birdlife tem desenvolvido ações participativas que encorajam e capacitam a sociedade com as práticas de restauração e conservação da natureza, como por exemplo, formação de turmas de brigadistas de incêndio, guias para ecoturismo e observação de aves.

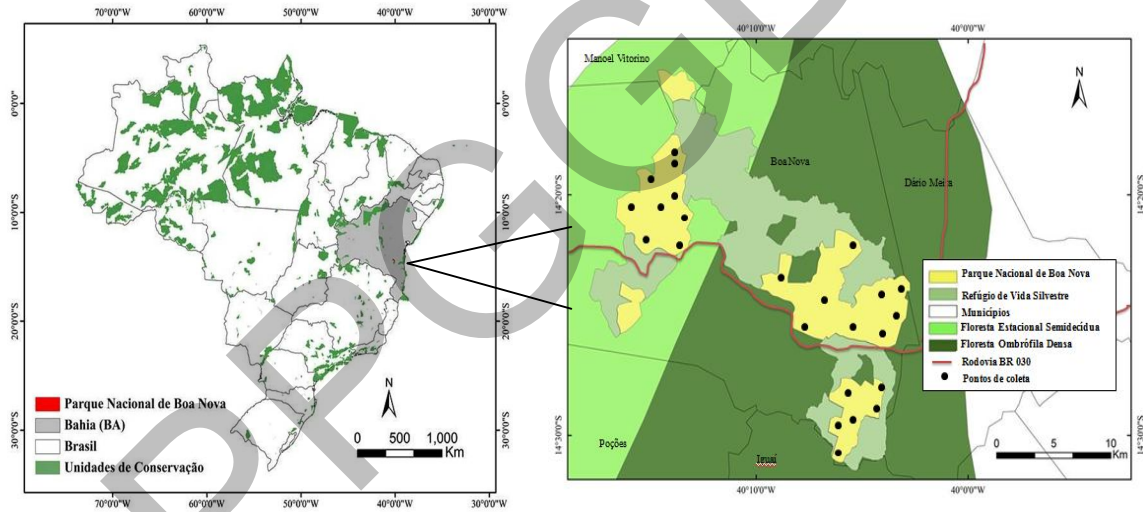


Figura 3: Localização do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia Brasil. Elaborado no ArcGis: ArcMap.

2. Caracterização geral das trepadeiras

As definições iniciais sobre estrutura e mecanismo de ascensão e fixação das trepadeiras foram abordadas por Darwin (1867) e Schenck (1892) onde classificam as trepadeiras herbáceas e lenhosas. O termo trepadeira é usado para as plantas cuja germinação se dá no solo e mesmo após o desenvolvimento permanecem nele; onde o crescimento vertical dependa do suporte mecânico de outras plantas (Gentry 1985; Acevedo-Rodríguez 2003). Entretanto, segundo Veloso (1992), trepadeiras são todas as plantas lenhosas ou herbáceas que se apoiam umas nas outras ou em substrato, com gemas protegidas por catáfilos.

As trepadeiras podem ser categorizadas quanto ao mecanismo de escalada (Veloso 1991; Lima *et al.* 1997) como: preênsais (com gavinhas, ganchos ou espinhos), volúveis (com caules que envolvem o forófito de desenho helicoidal) e escandentes (com caules compridos e divaricados, que se apoiam em outras plantas e, apresentam estruturas especializadas que auxiliam no apoio ao forófito, como espinhos).

Udulstch *et al.* (2004), Tibiriçá *et al.* (2006), Vilagra *et al.* (2011), Neto *et al.* (2012) e Vargas (2012) estão entre os poucos estudos no Brasil que classificam e quantificam os mecanismos de ascensão das lianas no dossel da floresta encontrados nas diferentes famílias. Sendo assim, considerar esta classificação muitas vezes torna-se confuso, pois diversas espécies podem combinar mais de um mecanismo de ascensão e fixação, como, por exemplo, alguns representantes de Bignoniaceae e Fabaceae.

Desse modo, Villagra *et al.* (2011) compilou e comparou distintas classificações do mecanismo de escalada de trepadeiras (Tabela 1).

Do ponto de vista anatômico, Shenck (1892), apresentou em seu trabalho descrições de cortes nos caules de inúmeras espécies e famílias com representantes de hábito trepador. Apesar da antiguidade desse estudo, poucos trabalhos trazem essa abordagem resgatada por Acevedo-Rodríguez (2003) e García-González (2011) que exploram essa informação através de um guia de imagens.

Acevedo-Rodríguez (2003) classifica as trepadeiras quanto ao câmbio vascular como: a) Vasos vasculares diretos, este padrão é presente em gêneros *Bougainvillea* e *Pisonia* (Nyctaginaceae); b) Alternância de faixas de tecido vascular com tecido conectivo, pode ser observado em gêneros *Chamissoa* e *Pfaffia* (Amaranthaceae), c) Caule poliestélico (vários cilindros vasculares), padrão encontrado nos gêneros *Paullinia* e *Serjania* (Sapindaceae); d) Caule comprido com cilindro vascular primário no centro, encontrado nos gêneros *Rhynchosia* e *Dioclea* (Fabaceae); e) Caule profundamente lobado, encontrado no gênero *Marcgravia* (Marcgraviaceae), do gênero *Distictis* da (Bignoniaceae) e o gênero *Passiflora* (Passifloraceae); f) Caule com xilema em forma de cruz 4 ou múltiplos de 4, padrão muito comum para trepadeiras (Bignoniaceae), em especial os gêneros *Arrabidaea*, *Cydista* e *Amphilophium*.; g) Caule cilíndrico com xilema lobado, gênero *Macfadyena* (Bignoniaceae); h) Caules cilíndricos com raios conspícuos, observável nos gêneros *Pristimera* e *Hippocratea* (Celastraceae) e *Psiguria* (Cucurbitaceae).

Composição florística de trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil

Autor	Mecanismo de ascensão						
Darwin (1867)	Caule volúvel	Modificação foliar (órgãos sensitivos)	Radicante/ Ganchosa	Gavinha	-	-	-
Schnell (1970)	-	-	Raízes aderentes	Estrutura preensoras (unhas, ganchos ou gavinhas)	Apoio passivo	-	-
Hegarty (1991)	-	-	Radicante	Preênsil	Escandente		
Acevedo-Rodriguez (2003)	-	-	Radicante	Gavinha	Escandente	Espinhosa	-
Jongking & Hawthorne (2005)	Ramos volúveis, Volubilidade terminal, Formairregular	Pecíolo ou raque da folha com funcionalidade	Radicante	Gavinha no caule/ Gavinha com funcionalidade	-	Abundantes espinhos recurvados	Ganchos retos ou curvos para a escalada, Garras horizontais

Tabela 1. Classificação dos diferentes tipos de mecanismos de ascensão segundo diferentes autores. Adaptado de Villagra *et al.* (2011).

Trepadeiras herbáceas podem ser diferenciadas das lenhosas através da caracterização morfológica do caule. Segundo Esau (1973), as herbáceas possuem epiderme no caule maduro e são formadas por células vivas, com limitações no crescimento secundário, pouca ou nenhuma periderme desenvolvida. Já as lenhosas, possuem periderme ao invés de epiderme em estágio mais desenvolvido, a qual surge por meio do crescimento secundário resultado da suberização, formação de casca, e morte das células superficiais.

Em se tratando da função das trepadeiras na comunidade florestal, elas contribuem consideravelmente para os processos de transpiração florestal e sequestro de carbono e, para a dinâmica florestal, contribuem não apenas competindo com as espécies arbóreas, mas também afetando diferencialmente essas espécies e o modo como elas competem entre si (Schnizer & Bongers 2002).

A eliminação do emaranhado de lianas em florestas baixas pode reduzir a diversidade de micro-habitats no interior da floresta e, com isso, eliminar importantes sítios de escape da predação de sementes por grandes herbívoros (Scariot 2006). Além disso, as lianas podem ter a habilidade de manter um microambiente méxico favorável à sobrevivência de plântulas de espécies florestais (Savage 1992).

No que se refere à evolução do hábito trepador, pode-se dizer, segundo diversos estudos realizados é que esta forma de vida surgiu em diferentes momentos da história evolutiva das angiospermas (Gentry 1991).

A forma de vida das trepadeiras é, em geral, posta em segundo plano nos estudos de diversidade pela grande dificuldade na determinação das espécies (Schnizer & Bongers 2002). Esse fato deve-se à dificuldade de observá-las no interior da floresta e determinar quais são as folhas que pertencem à determinada liana, visto que ao atingir o dossel desencadeia uma alta produção foliar, formando uma intrincada rede de ramos e folhas pertencentes à outras espécies de lianas e à árvores que servem como suporte.

Segundo Putz (1984), as lianas tem rápido crescimento se comparadas às espécies arbóreas e dominam o dossel das árvores suporte e das adjacentes. Ao analisar a dinâmica e manejo florestal, é essencial o conhecimento das trepadeiras, tendo em vista sua diversidade e importância ecológica.

Vale também apontar que as trepadeiras possuem suas características inteiramente conservativas, ou seja, uma determinada espécie com hábito trepador que apresenta apenas caule volúvel, jamais apresentará modificações foliares ou caulinares, como as gavinhas. Sendo assim, essas modificações utilizadas pelas trepadeiras é um caráter importante na determinação taxonômica (Gentry 1991).

A riqueza de espécies e abundância de lianas está diretamente relacionada à intensidade luminosa capaz de penetrar em uma floresta, que, por sua vez, está relacionada à arquitetura da copa das árvores e também ao histórico de perturbações desse ambiente (Morellato & Leitão Filho 1998).

Em vários levantamentos, a família Leguminosae, junto com Bignoniaceae apresentam-se como as mais representativas de trepadeiras (Rezende & Ranga 2005). Nas formações florestais semidecíduais (Hora & Soares 2002) e as citadas por Gentry (1991) as famílias mais ricas no Novo Mundo apenas trocam de posição, mas coincidem, são Bignoniaceae, Sapindaceae, Fabaceae, Malpighiaceae, Apocynaceae e Convolvulaceae.

3. Estudos sobre trepadeiras na Mata Atlântica do Brasil: Estado da arte

Nos últimos dez anos, o Brasil teve considerável crescimento na pesquisa sobre a diversidade de plantas trepadeiras (Tabela 2).

Em trabalho de composição florística da mata de tabuleiro realizado na Reserva de Linhares no Espírito Santo, Peixoto & Gentry (1990), juntamente com outros componentes vegetais, encontraram 95 espécies de trepadeiras, cuja representatividade foi alta para a família Bignoniaceae e Celastraceae.

Neto & Godoi (1994) desenvolveram estudos fitossociológicos das lianas em um trecho de mata ciliar em São Paulo, estudo florístico foram coletadas 89 espécies, distribuídas em 54 gêneros, pertencentes a 25 famílias, das quais as mais representativas foram: Bignoniaceae, Sapindaceae, Convolvulaceae e Malpighiaceae.

Morellato & Leitão-Filho (1996) analisaram a fenologia da comunidade de trepadeiras de floresta semidecídua no estado de São Paulo, comparando com outros

estudos de áreas de florestas neotropicais, as famílias mais representativas foram: Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae, Asteraceae e Fabaceae.

Kim (1996) relatou os padrões de floração de trepadeiras da Mata Atlântica do estado de São Paulo, em que a anemocoria foi a síndrome de dispersão predominante. As famílias mais representativas foram: Asteraceae, Leguminosae, Bignoniaceae, Sapindaceae e Convolvulaceae.

Lombardi *et al.* (1999) analisaram num fragmento de floresta semidecídua em Minas Gerais

Laurance *et al.* (2001), desenvolveram um estudo que tratou o efeito da fragmentação de habitats na comunidade de lianas na Amazônia, registrando em um fragmento de floresta ombrófila 98 espécies de trepadeiras.

Hora & Soares (2002) realizaram um estudo fitossociológico de lianas em uma floresta estacional semidecidual em São Paulo, foram registradas 45 espécies, sendo a maioria composta por representantes de Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Apocynaceae.

Gerwing (2004) realizou estudo na Amazônia Brasileira em uma área de floresta ombrófila, onde foram registradas cerca de 60 espécies de trepadeiras.

Udulstch *et al.* (2004) descreveram a composição florística de trepadeiras e de seus mecanismos de ascensão em uma área de Floresta Estacional Semidecídua no estado de São Paulo, onde foram amostradas 74 espécies de 19 famílias, sendo as mais representativas Bignoniaceae, Sapindaceae, Apocynaceae, Malpighiaceae e Fabaceae.

Rezende & Ranga (2005) ao inventariarem as trepadeiras ocorrentes em formações vegetacionais do interior do estado de São Paulo, registraram 105 espécies e tendo como as famílias mais representativas Bignoniaceae, Sapindaceae, Fabaceae, Malpighiaceae, Apocynaceae e Convolvulaceae.

Tibiricá *et al.* (2006) realizaram um levantamento florístico de trepadeiras em uma área de Floresta Estacional Semidecídua em São Paulo, Foram registradas 120 espécies de lianas, pertencentes a 30 famílias e 71 gêneros. As famílias mais representativas foram: Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Asteraceae.

Macedo (2007), em estudo realizado em um fragmento florestal situado no domínio de Floresta Estacional Decidual Montana no Sudeste da Bahia, apontou as trepadeiras (lenhosas e herbáceas) como o segundo hábito em riqueza, com 110 espécies (19% das espécies), distribuídas em 27 famílias. As taxonomicamente mais diversas foram Malpighiaceae, Fabaceae e Bignoniaceae.

Thomas *et al.* (2008) estimaram a diversidade de plantas lenhosas em uma mata no sul da Bahia encontrando 65 espécies de lianas em um fragmento de mata virgem no Sul da Bahia.

Em outro trabalho realizado por Amorim *et al.* (2008), na Reserva Biológica de Una, também no sul da Bahia, encontraram 94 espécies de trepadeiras distribuídas em 21 famílias, as mais representativas foram: Malpighiaceae, Apocynaceae.

Araújo & Alves (2009), em áreas remanescentes de Mata Atlântica de Terras Baixas no estado de Pernambuco, inventariaram 93 espécies sendo as famílias mais representativas Leguminosae, Convolvulaceae, Passifloraceae e Cucurbitaceae.

Amorim *et al.* (2009), com base no inventário florístico de três remanescentes de floresta montana na Mata Atlântica do sul da Bahia, registraram 123 espécies de trepadeiras, as famílias mais representativas foram: Asteraceae, Malpighiaceae, Cucurbitaceae e Apocynaceae.

Durigon *et al.* (2009), realizaram um levantamento das espécies de trepadeiras em fragmentos de floresta estacional no Rio Grande do Sul, foram registradas 73 espécies, distribuídas em 47 gêneros e 24 famílias. Apocynaceae, Sapindaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae, foram as mais ricas em número de espécies.

Em estudo sobre o componente de trepadeiras em fragmento de Floresta Ombrófila Densa em São Paulo, Villagra (2011), registraram 187 espécies, pertencentes a 32 famílias, onde Fabaceae, Bignoniaceae e Asteraceae como as com maior riqueza.

García-González (2011) realizou um estudo de diversidade e abundância de lianas em uma área de Floresta Atlântica Semidecídua ao norte de Pernambuco, cujos resultados registraram 77 espécies e as famílias mais representativas foram: Fabaceae, Malpighiaceae e Celastraceae.

Carneiro & Vieira (2012), em estudo pioneiro desenvolvido no estado do Paraná, apresenta as espécies de trepadeiras em uma área no noroeste do estado do Paraná,

inserida na floresta estacional semidecidual (FES) submontana. Os autores registraram 17 famílias, 44 gêneros e 53 espécies, as famílias mais representativas foram: Malpighiaceae, Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae e Asteraceae.

Neto *et. al.* (2012) inventariaram o componente de trepadeiras através de estudos florísticos, fitossociológicos, além de aspectos fenológicos em um trecho de mata ciliar em São Paulo onde foram coletadas 89 espécies, distribuídas em 25 famílias, onde as mais representativas foram: Bignoniaceae, Sapindaceae, Convolvulaceae, Malpighiaceae, Asteraceae, Apocynaceae e Fabaceae.

Vargas (2012) caracterizou a composição florística e aspectos ecológicos de trepadeiras em três fragmentos de Florestas Semidecíduas em Minas Gerais. Foram registradas 99 espécies distribuídas em 25 famílias, sendo as mais ricas em espécies: Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Fabaceae.

Neto & Barbosa (2012) realizaram um levantamento florístico das angiospermas trepadeiras, hemiepífitas, epífitas e parasitas, presentes numa área de Mata Atlântica da Paraíba. Dentre as trepadeiras foram registradas cerca de 60 espécies, as famílias mais ricas são: Cucurbitaceae, Fabaceae, Convolvulaceae, Passifloraceae, Menispermaceae e Bignoniaceae.

Oliveira *et al.* (2012), fizeram levantamento florístico em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual no Rio Grande do Norte. Foram registradas 20 espécies, as famílias mais representativas foram: Fabaceae, Dilleniaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae e Passifloraceae.

Autores	Estado (UF)	Formação vegetacional	Nº total de espécies	Famílias mais representativas
Peixoto & Gentry (1990)*	ES	Floresta de tabuleiro	95	Bignoniaceae e Celastraceae
A.C. Kim (1996)	SP	-	361	Asteraceae, Fabaceae, Bignoniaceae, Sapindaceae e Convolvulaceae
Morellato & Leitão-Filho (1996)	SP	Floresta Semidecídua	-	Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae, Asteraceae e Fabaceae
Lombardi <i>et al.</i> (1999)	MG	Floresta Semidecídua	-	Bignoniaceae Malpighiaceae, Sapindaceae e Apocynaceae
Laurance <i>et al.</i> (2001)	AM	Floresta Ombrófila	98	-
Hora & Soares (2002)	SP	Floresta Semidecídua	45	Malpighiaceae, Bignoniaceae, Sapindaceae, Asteraceae e Apocynaceae
Gerwing (2004)	AM	Floresta Ombrófila	6	-
Udulustch <i>et al.</i> (2004)	SP	Floresta Semidecídua	74	Bignoniaceae, Sapindaceae, Apocynaceae, Malpighiaceae e Fabaceae
Rezende & Ranga (2005)	SP	Floresta Semidecídua	105	Bignoniaceae, Sapindaceae, Fabaceae, Malpighiaceae e Apocynaceae

Composição florística de trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil

Tibiriçá <i>et al.</i> (2006)	SP	Floresta Semidecídua	120	Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Asteraceae
Macedo (2007)*	BA	Floresta Decídua	73	Malpighiaceae, Fabaceae e Bignoniaceae.
Thomas <i>et al.</i> (2008)*	BA	Floresta Ombrófila	65	-
Amorim <i>et al.</i> (2008)*	BA	Floresta Ombrófila	94	Malpighiaceae e Apocynaceae
Amorim <i>et al.</i> (2009)*	BA	Floresta Ombrófila	123	Asteraceae, Malpighiaceae, Cucurbitaceae e Apocynaceae
Araújo & Alves (2009)	PE	Floresta Ombrófila	93	Leguminosae, Convolvulaceae, Passifloraceae e Cucurbitaceae
Durigon <i>et al.</i> (2009)	RS	Floresta Semidecídua	73	Apocynaceae, Sapindaceae, Bignoniaceae e Convolvulaceae
Villagra (2011)	SP	Floresta Ombrófila	187	Fabaceae, Bignoniaceae e Asteraceae
García-González (2011)	PE	Floresta Semidecídua	77	Fabaceae, Malpighiaceae e Celastraceae
Carneiro & Vieira (2012)	PR	Floresta Semidecídua	53	Malpighiaceae, Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae e Asteraceae
Neto <i>et al.</i> (2012)	SP	Mata ciliar	89	Bignoniaceae, Sapindaceae e Convolvulaceae
Vargas (2012)	MG	Floresta Semidecídua	99	Bignoniaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Fabaceae

Neto & Barbosa (2012)*	PB	Floresta Semidecídua	68	Cucurbitaceae, Fabaceae, Convolvulaceae e Passifloraceae
Oliveira <i>et al.</i> (2012)	RN	Floresta Semidecídua	20	Fabaceae, Dilleniaceae e Bignoniaceae

* Estudos que abordam outros componentes vegetais, não somente os de hábito trepador.

Tabela 2. Riqueza de espécies de trepadeiras em diferentes regiões e fisionomias vegetacionais do Brasil.

PPGGGBC

Diante da análise dos estudos com trepadeiras realizados no Brasil, observa-se a concentração em áreas de florestas estacionais (florestas secas), ao ponto que nas florestas ombrófilas são menos frequentes. Além disso, pode-se notar a carência de estudos na região nordeste do país, precisamente na porção central da Mata Atlântica brasileira, onde não existem estudos de levantamento específico para a flora de trepadeiras.

No que tange às famílias mais representativas, a composição varia entre as regiões, mas há o predomínio dos grupos naturalmente diversos nos trópicos, a exemplo de: Bignoniaceae, Fabaceae e Malpighiaceae.

Sendo assim o objetivo principal desse estudo é inventariar e registrar a diversidade de espécies trepadeiras em uma área de Mata Atlântica na porção sudoeste do estado da Bahia.

PPGGGBBC

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO-RODRIGUEZ, P. & WOODBURY, R.O. 2003. *Los bejucos de Puerto Rico*. Vol. 1. General Technical Report SO-58. U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Southern Forest Experiment Station, New Orleans, LA, 331 p.
- AMORIM, A.M.; THOMAS, W.W.; CARVALHO, A.M.V. & JARDIM, J.G. 2008. Floristic of the Una Biological Reserve, Bahia, Brazil. In *The Atlantic Coastal Forests of Northeastern Brazil* (W.W. Thomas, ed.). Mem. New York Bot. Gard. 100:67-146.
- APG. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105-121.
- ARAÚJO, D. & M. ALVES. 2010. Climbing plants of a fragmented area of lowland Atlantic Forest, Igarassu, Pernambuco (northeastern Brazil). *Phytotaxa* 8: 1-24.
- BATALHA FILHO, H. & MIYAKI, C.Y. 2011. Filogeografia da Mata Atlântica. *Revista da Biologia* 7 (volume especial sobre Biogeografia): 31-34.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. 1976. Diagnóstico sócio-econômico da região cacaeira. Recursos florestais. Rio de Janeiro, Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira.
- BRASIL. 1981. Ministério das Minas e Energia/Secretária Geral. Projeto RADAMBRASIL, Folha SD 24 Salvador: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, Ministério de Minas e Energia/Secretária Geral (Levantamento de Recursos Naturais, 24).
- CARNAVAL, A. C. & MORITZ, C. 2008. Historical climate modeling predicts patterns of current biodiversity in the Brazilian Atlantic forest. *Journal of Biogeography* 35:1187-1201.
- CARNEIRO, J.S & VIEIRA, A.O.S. 2012. Trepadeiras: florística da Estação Ecológica do Caiuá e chave de identificação vegetativa para espécies do Norte do Estado do Paraná. *Acta Scientiarum* 34 (2): 217-223.
- DALY, D.C. & MITCHELL, J.D. 2000. Lowland vegetation of tropical South America: an overview. Pages 391–454 in D. Lentz, ed. *Imperfect balance: landscape*

transformations in the pre-Columbian Americas. Columbia University Press, New York.

DARWIN, C. 1867. On the movements and habits of climbing plants. *Journal of the Linnean Society*, ser. Botany, 9: 1-118.

ESAU, K. 1973. Anatomia das plantas com sementes. Ed. Edgard Blücher, São Paulo.

GALINDO-LEAL, C. & I. CÂMARA. 2005. Status do hotspot Mata Atlântica: uma síntese. In C. Galindo-Leal and I. Câmara (eds.). *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*, pp. 3-11. Fundação SOS Mata Atlântica & Conservação Internacional. Belo Horizonte.

GARCÍA-GONZÁLEZ, J.D. & ALVES, M. 2011. Liana Stems of the Usina São José, Common lianas, Atlantic Rain Forest, Igarassu, Pernambuco, Brasil. *Rapid Color Guide* 283.

GARCÍA-GONZÁLEZ, J.D. 2011. Diversidade e abundância de lianas em uma área de Floresta Atlântica ao norte do estado de Pernambuco. *Dissertação de mestrado*. Universidade de Federal de Pernambuco, Recife. p.16-62.

GENTRY, A. H. 1985. An ecotaxonomic survey of Panamanian lianas. In: D'ARCY, W. G.; CORREA, A. M. D. (Ed.). *The botany of natural history of Panama*. St. Louis: Missouri Botanical Garden, p. 29-42.

GENTRY, A. H. 1991. The distribution and evolution of climbing plants. In: PUTZ, F. E.; MOONEY H. A. (Ed.) *The biology of vines*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-49.

GERWING, J.J. 2004. Life history diversity among six species of canopy lianas in an old-growth forest of the eastern Brazilian Amazon. *Forest Ecology and Management* 190 (1): 57-72.

HORA, R.C. & SOARES, J.J. 2002. Estrutura fitossociológica da comunidade de lianas em uma floresta estacional semidecidual na Fazenda Canchim, São Carlos, SP. *Revista Brasileira de Botânica* 25: 323-329.

KIM, A.C. 1996. Lianas da Mata Atlântica. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- JOLY, C.A.; AIDAR, M.P.M.; KLINK, C.A.; MCGRATH, D.G.; MOUREIRA, A.G.; MOUTINHO, P.; NEPSTAD, D.C.; OLIVEIRA, A.A.; POTT, A.; RODAL, M.J.N. & SAMPAIO, E.V.S.B. 1999. Evolution of the Brazilian phytogeography classification systems: implications for biodiversity conservation. *Ciência e Cultura* 56(1/2): 321-348.
- JONGKIND, C.C.H. & HAWTHORNE, W.D. 2005. A botanical synopsis of the lianes and other forest climbers. In: F. Bongers, M.P.E. Parren & D. Traoré (eds). *Forest Climbing Plants of West Africa: diversity, ecology and management*. CABI Publishing. Oxfordshire, pp. 19-39.
- LAURANCE, W.F.; PÉREZ-SALICRUP, D.; DELAMONICA, P.; FEARNSTIDE, P.; D'ANGELO, S.; JEROZOLINSKI, A.; POHL, L. & LOVEJOY, T. 2001. Rain forest fragmentation and the structure of Amazonian liana communities. *Ecology* 82: 105-116
- LIMA, H. C.; LIMA, M. P. M.; VAZ, A. M. S. & PESSOA, S. V. A. Trepadeiras da reserva ecológica de Macaé de Cima. In: LIMA, H. C.; GUEDES-BRUNI, R. R. (Ed.). *Serra de Macaé de Cima: diversidade florística e conservação em mata atlântica*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1997. p. 75-87.
- LOMBARDI, J.A.; TEMPONI, L.G. & LEITE, C.A. 1999. Mortality and diameter growth of the lianas in a semideciduous forest fragment in Southeastern Brazil. *Acta Botanica Brasilica* 13 (2): 159-165.
- MACEDO, G.E.L. de. 2007. *Composição florística e estrutura do componente arbóreo lianescente de um trecho de floresta estacional semidecídua no município de Jequié, Bahia, Brasil*. Tese de doutorado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1-122.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, R.; MITTERMEIER, C.; FONSECA, G. & J. KENT. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- MORELLATO, L.P.C. & LEITÃO FILHO, H.F. 1996. Reproductive phenology of climbers in a southeastern Brazilian forest. *Biotropica* 28: 180-191.

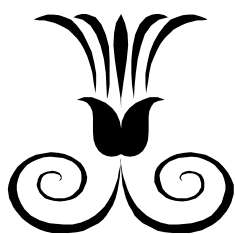
- MORELLATO, L.P.C. & LEITÃO FILHO, H.F. 1998. Levantamento florístico da comunidade de trepadeiras de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. *Boletim do Museu Nacional* 103: 1-15.
- NEIMAN, Z. 1989. *Era verde? : Ecossistemas brasileiros ameaçados*. Atual 3. ed. São Paulo:..
- NOVAES, A.B. & SÃO JOSÉ, A.R. 1992. Caracterização da região de mata de cipó no sudoeste da Bahia. Pp. 32-38. In: *Reflorestamento no Brasil*. Vitória da Conquista, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
- OLIVEIRA, A.C.P.; MOTA, M.L. & LOIOLA, M.I.B. 2012. Diversidade florística e chave de identificação de trepadeiras em uma floresta estacional semidecidual em Parnamirim –RN, Brasil. *Revista Caatinga* 25(2): 153-158, 154.
- OLIVEIRA-FILHO, A.T. & FONTES, M.A.L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica*. 32(4b):793-810.
- PEIXOTO, A. L. & GENTRY, A. 1990. Diversidade e composição florística da mata de tabuleiro na Reserva Florestal de Linhares (Espírito Santo, Brasil). *Revista Brasileira de Botânica* 13:19 - 25.
- PUTZ, F.E. 1984. The natural history of lianas on Barro Colorado Island, Panamá. *Ecology* 65: 1713-1724.
- REZENDE, A. & N. RANGA. 2005. Lianas da estação ecológica do noroeste paulista, São José do Rio Preto/Mirassol, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 19: 273-279.
- RIBEIRO, M.; METZGER, J.; A. MARTENSEN, A.; PONZONI, F. & M. HIROTA. 2009. The Brazilian Atlantic forest: how much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation* 142: 1141–1153.
- ROCHA, A. A. 2008. Análise Socioambiental da Bacia do Rio Verruga e os processos de urbanização de Vitória da Conquista- BA. PDRS – Região sudoeste da Bahia unidades geoambientais. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

- SAVAGE, M. 1992. Germination of forest species under an Anthropogenic Vine mosaic in Western Samoa. *Biotropica*, Washington, 24 (3): 460-462.
- SCARIOT, A. 1999. Forest fragmentation effects on palm diversity in central Amazonia. *Journal ecology*, Oxford 87: 66-76.
- SCHENCK, H. 1892. Beiträge zur Biologie und Anatomie der Lianen im Besonderen de in Brasillien einheimischem arten. Beiträge zur Biologie der Lianen. In: A.F.W.Schimper (ed.). *Botanische Mittheilungen aus den Tropen*. Gustav Fisher, Jena. v. 4, pp. 2-19.
- SCHNITZER, S.A. & BONGERS, F. 2002. The ecology of lianas and their role in forests. *Trends in Ecology and Evolution* 17: 223-230.
- STEHMANN, J.R.; FORZZA, R.C.; SALINO, A.; SOBRAL, M.; COSTA, D.P. & KAMINO, L.H.Y. (Eds.). *Plantas da floresta atlântica*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 515p.
- UDULUTSCH, R.G.; ASSIS, M.A. & PICCHI, D.G. 2004. Florística de trepadeiras numa floresta estacional semidecídua, Rio Claro-Araras, Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 27: 125-134.
- TIBIRIÇÁ, Y.J.A.; COELHO, L.F.M. & MOURA, L. C. 2006. Florística de lianas em um fragmento de floresta estacional semidecidual, Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa Quatro, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20: 339-346.
- THOMAS, W.W.; CARVALHO, A.M.V.; AMORIM, A.M.; GARRISON, J. & SANTOS, T.S. 2008. Diversity of woody plants in the Atlantic coastal forest of southern Bahia, Brazil. In *The Atlantic Coastal Forests of Northeastern Brazil* (W.W. Thomas, ed.). *Memoirs of the New York Botanical Garden* 100:21-66.
- UDULUTSCH, R. G.; ASSIS, M. A. & PICCHI, D. G. 2004. Florística de trepadeiras numa floresta estacional semidecídua, Rio Claro-Araras, Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, 27 (1): 125-134.
- VARGAS, B. C. 2012. Florística de trepadeiras em fragmentos de floresta estacional semidecidual em Uberlândia, Minas Gerais. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

- VELOSO, H.P. & GÓES-FILHO, L. 1982. Fitogeografia brasileira: classificação fisionômico- ecológica da vegetação neotropical. In: Ministério das Minas e Energia. Boletim Técnico do Projeto RADAM BRASIL, Série Vegetação. IBGE, Salvador. Pp. 1-86.
- VELOSO, H.P.; RANGEL-FILHO, A.L.R. & LIMA, J.C.A. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro, IBGE.
- VELOSO, H.P. 1992. Sistema fitogeográfico. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (ed.). Manual Técnico da Vegetação Brasileira. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, pp. 9-38.
- VILLAGRA, B.L.P. & ROMANIUC NETO, S. 2011. Florística de trepadeiras no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil. Hoehnea 38(3): 325-384.

PPGGGBB

PPGGGBC



Capítulo 1

Manuscrito a ser submetido ao periódico *Phytotaxa*,
segundo as normas de publicação:

<http://www.mapress.com/phytotaxa/index.htm>

Trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia, Brasil¹

GIRLANDE BRANDÃO^{2*}, GUADALUPE DE MACEDO³, MARCCUS ALVES⁴

² Programa de Pós Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. CEP 45206-190, Jequié, Bahia, Brasil, email:

girlandebrandao@yahoo.com.br; bolsista Petrobrás/ PFRH-PB211/UESB*

³ Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. CEP 45206-190, Jequié, Bahia, Brasil

⁴ Departamento de Botânica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco. CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil*

RESUMO

As plantas trepadeiras possuem elevada representatividade nas regiões tropicais, além da grande importância ecológica, pois possibilitam uma valiosa dinâmica estrutural e funcional no dossel das florestas. Este estudo representa as trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, unidade de conservação localizada numa área de transição entre Caatinga e Mata Atlântica. Ressalta-se a carência de estudos com trepadeiras na porção central da Mata Atlântica face à alta biodiversidade e endemismo. Foram encontradas 130 espécies distribuídas em 27 famílias e 76 gêneros. As famílias com maior representatividade no Parque foram Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae, Curcubitaceae e Malpighiaceae que juntas compõem um total de 50,38% das espécies registradas na área. Os gêneros que se destacaram em riqueza de espécies foram: *Passiflora*, *Ipomoea*, *Dioscorea*, *Heteropterys* e *Smilax*. No total de espécies trepadeiras do Parque, 87 (68%) são lenhosas e 42 (32%) são herbáceas, assim como 60% são volúveis, 34% são preênses e 6% são escandentes. Foi elaborada uma chave de identificação, baseada em caracteres vegetativos, para as espécies encontradas nas áreas do Parque.

Palavras-chave: Inventário florístico, lianas, unidade de conservação.

ABSTRACT

Climbing plants have high representivity in tropical regions, besides the great ecological importance, as they allow a valuable structural and functional dynamics in the forest canopy. This study represents the climber plants of Boa Nova National Park, Conservation Unit located in a transition area between Caatinga and Atlantic Forest. We highlight the lack of studies with climber plants in the central portion of the Atlantic in face of the extremely high biodiversity and endemism. 130 species belonging to 27 families and 76 genera were found. The families with largest representation in the Park was Fabaceae, Bignoniaceae, Convolvulaceae, Curcubitaceae and Malpighiaceae, that together fills a total of 50.38 % of the species recorded in area. The genus that highlighted in species richness were: *Passiflora*, *Ipomoea*, *Dioscorea*, *Smilax* and *Heteropterys*. In total climbing species of the Park, 87 (68%) are woody and 42 (32%) are herbaceous, and 60% are voluble, 34% are prehensile and 6% are scandent. An identification key based on vegetative characters for species that was find in areas of the Park was developed.

Keywords: Inventory floristic, lianas, conservation unit.

INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos sobre a estrutura e mecanismo de ascensão e fixação das trepadeiras são de Darwin (1867) e Schenck (1892). Podem ser classificadas em trepadeiras herbáceas (“vines”) e lenhosas (“lianas”). A denominação trepadeira é usada para qualquer planta que germine no solo e se mantem ligada a ele; e cujo crescimento vertical dependa do suporte mecânico de outras plantas (Gentry 1985; Acevedo-Rodríguez 2003). No entanto, segundo Veloso (1992), são plantas lenhosas ou herbáceas que vivem apoiadas em outras plantas ou substrato com gemas, acima do solo protegidas por catáfilos.

Diferenciam-se quanto ao modo de escalada (Gentry 1991) em volúveis, com gavinhas (preensoras ou com extremidades aderentes) e não preensoras (Hegarty 1991; Udulutsch *et al.* 2004).

Inexistem estudos que comprovem uma tendência evolutiva e agrupe os taxa com hábito trepador. Ao contrário, o caráter aparece de forma independente entre Gimnospermas, Monocotiledôneas, Dicotiledôneas (Putz 1984) e Pteridófitas. Gianoli (2004) sugere uma forte tendência dos taxa com hábito trepador serem muito mais diversos que os grupos-irmãos não trepadores, por conta da altíssima diversificação do grupo. Segundo o autor, gêneros e/ou famílias com representantes de hábito trepador possuem maior diversidade em espécies.

Fatores abióticos como diferenças de gradiente altitudinal, fertilidade do solo, arquitetura do hospedeiro (forófito) e precipitação são correlacionados com a distribuição e abundância das trepadeiras (Putz & Chai 1984; Clinebell 1995). A plasticidade morfológica contribui para a sobrevivência desse grupo frente às pressões ecológicas como competição, crescimento e desenvolvimento no processo de ascensão do dossel na floresta (French 1977).

No que tanger aos aspectos ecológicos, as trepadeiras promovem supressão e alteração na regeneração de clareiras, aumento da união entre dosséis, assim como uma dinâmica de fenofases das árvores, pois os padrões fenológicos são, geralmente, complementares. Isto resulta em constante suplemento de néctar, pólen e fruto para a fauna em períodos de escassez de frutos de espécies arbóreas, como também contribuição para o substrato com o banco de sementes e serrapilheira resultante da queda das folhas. Outro aspecto é o estabelecimento de um componente estrutural de

notável importância no ambiente, podendo facilitar os movimentos da fauna no dossel (Morellato & Leitão 1998).

Como benefício antrópico, as trepadeiras podem ser utilizadas na alimentação (*Dioscorea* e *Ipomoea*), movelaria (*Calamus*), artesanato (corte do caule de *Serjania*, dentre outros) e até mesmo na indústria farmacêutica. Além disso, compostos secundários produzidos são de interesse para a indústria bioquímica, a exemplo da extração de organossulfurados em *Mansoa*, cipó de alho (Zoghbi *et al.* 2008).

No Brasil, eram escassos os trabalhos florísticos de trepadeiras (Hora *et al.*, 2002). No Sudeste concentra-se a maior quantidade de publicações relacionadas à florística de trepadeiras, como Morellato & Leitão Filho (1998), Rezende & Ranga (2005) e Kim (1996). Carneiro & Vieira (2012) na Estação Ecológica do Caiuá (Floresta Estacional Semidecídua, norte do Paraná) é o único estudo de florística de trepadeiras para a região Sul do Brasil. Contudo, na última década houve um incremento nas pesquisas com trepadeiras em outras regiões do país e abordagens diversas sobre o grupo.

García-González (2011), Araújo & Alves (2009), Neto & Barbosa (2012) e Oliveira *et al.* (2012), apresentam resultados com maior especificidade para trepadeiras na porção norte da Mata Atlântica do Brasil.

Além destes, entre os inventários florísticos que incluem o hábito trepador, pode-se citar Vargas (2012), Batalha *et al.* (1997), Bernacci & Leitão Filho (1996). As trepadeiras sob o ponto de vista ecológico foi tema abordado por Hora & Soares (2002); Araújo & Martins (1999); Lombardi *et al.* (1999); Morellato & Leitão Filho (1996).

Na porção central da Mata Atlântica, os estudos são incipientes com as trepadeiras representando um grupo biológico incluído nas abordagens fitossociológicas ou em inventários gerais. Isso acarreta em um retrato subestimado da diversidade do grupo, visto que os esforços amostrais não são intensificados para este hábito (Macedo 2007; Amorim *et al.* 2008).

O domínio Mata Atlântica é caracterizado por altos níveis de diversidade, endemismo e ameaça (Myers *et al.* 2000), especialmente na porção ocorrente no estado da Bahia (Thomas *et al.* 2003, Amorim *et al.* 2008). Apesar disto, os estudos florísticos ainda são incipientes.

Desta forma, é apresentada aqui a caracterização da diversidade de plantas trepadeiras do Parque Nacional de Boa Nova, porção central da Floresta Atlântica com chave de identificação e comentários de distribuição geográfica das espécies catalogadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo: O Parque Nacional (PARNA) de Boa Nova possui 12.065 ha e foi criado juntamente com um Refúgio de Vida Silvestre com 15.024 ha (Figura 4) por Decreto s/nº de 11 de junho de 2010 (MMA-ICM BIO). A Unidade de Conservação está inserida no município de Boa Nova, além de uma pequena porção em Manoel Vitorino e Dário Meira, região sudoeste do estado da Bahia. Está localizado a cerca de 130 km da costa, com altitude entre 600-1000m. Possui uma forma irregular e fragmentada, cortado por uma rodovia (BR-030) e ocupado por áreas de Mata Atlântica (Floresta Estacional Semidecídua - FES e Floresta Ombrófila Densa - FOD) e Caatinga. A área de estudo é um enclave de Mata Atlântica situado no chamado Polígono das Secas.

A região de Boa Nova é considerada pela Bird Life International e pela SAVE Brasil uma área importante para a conservação das aves (Important Bird Area - IBA) de atuação prioritária. Desse modo, o PARNA Boa Nova foi criado com o objetivo de proteção de uma área na transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica, em especial, a mata-de-cipó (Floresta Estacional Semidecídua), assim como preservação da diversidade de aves como o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*) endêmico da região (MMA-ICM BIO).

Caracterizada por um mosaico de unidades geoambientais, a saber: Maciço Central, Patamares do Médio Rio das Contas e as Serras Marginais, sendo este último a unidade onde o PARNA está localizado, cuja conformação é resultado do soerguimento dos domínios de Planaltos Cristalinos (Rocha 2008).

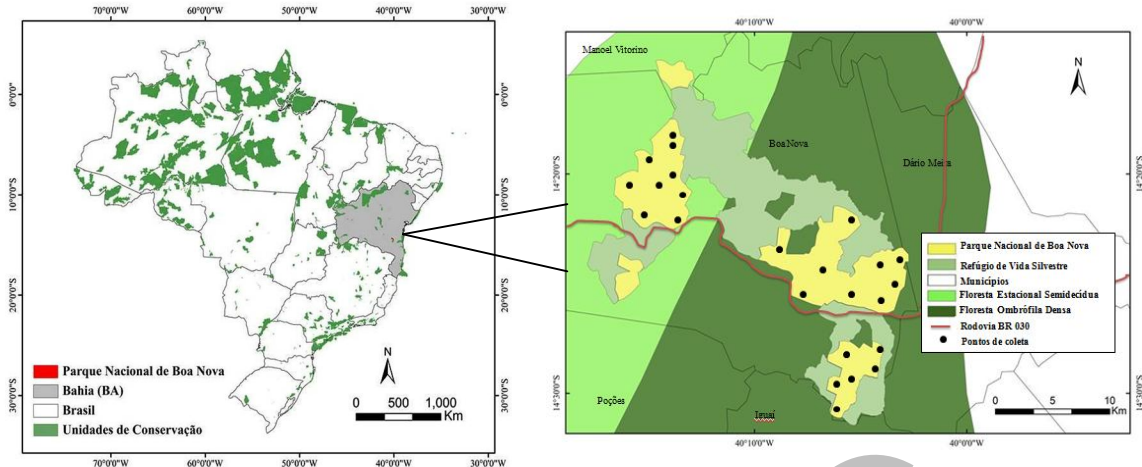


Figura 1: Localização do Parque Nacional de Boa Nova, Bahia Brasil. Elaborado no ArcGis - ArcMap.

Região de clima subúmido a seco, com temperatura média anual de 21°C (26 - 17°C) e pluviosidade média anual é de 600 mm (500-1100 mm/ano), com um período mais seco (Maio a Julho) e outro mais úmido (Novembro a Janeiro) (SEI/BA).



Figura 2: Aspecto geral dos fragmentos florestais encontrados no Parque Nacional de Boa Nova. A e B: Áreas de Floresta Estacional Semidecídua. C e D: Áreas de Floresta Ombrófila Densa.

Levantamento Florístico: As plantas trepadeiras foram amostradas preferencialmente em floração ou frutificação, durante o período de Maio/2012 a Setembro/2013 com frequência mensal, tanto nas bordas quanto no interior dos fragmentos (15 expedições e 380 amostras). Foram efetuadas coletas em áreas de Floresta Estacional Semidecídua (14°19'38.6"S e 40°12'36.8"W) e de Floresta Ombrófila Densa (14°24'45.4"S e 40°08'10.5"W) dentro dos limites do município de Boa Nova, que abriga 96% da extensão da Unidade de Conservação (Fig. 1). Na discussão dos resultados e material examinado das espécies deste trabalho, as siglas FES e FOD são referentes às áreas de Floresta Estacional Semidecídua e Floresta Ombrófila Densa do PARNA Boa Nova (Fig. 2), respectivamente.

O esforço de coleta foi igualitário para ambas as áreas e procedimento de herborização seguiu as técnicas usuais (Mori *et al.* 1989), com amostras depositadas no Herbário HUESB, com duplicatas nos Herbários FR, JPB e UFP.

Estudos Morfológicos e Taxonômicos: Além dos acervos dos herbários CEPEC, IPA, HST, HUESB, HUEFS, HUFRB, ASE e UFP, foi consultado o acervo virtual de trepadeiras de Mata Atlântica disponíveis nos herbários US, K, F, MO e NY.

As amostras foram identificadas com o auxílio de literatura, consulta a especialistas, bem como a comparação com materiais dos citados herbários. As abreviações dos autores das espécies seguiram as normas adotadas por Brummitt & Powell (1992). As amostras identificadas ao nível genérico encontram-se em sua maioria estéreis. A chave de identificação utiliza caracteres vegetativos descritos, conforme Harris & Harris (1994). Para a circunscrição das famílias foi adotado APG III (2009). Os dados de distribuição geográfica das espécies seguem a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013).

Como definição do conceito de trepadeira, utilizamos o adotado por Acevedo-Rodríguez (2003), no qual as trepadeiras são plantas que germinam e mantem a ligação com o solo durante todo o seu ciclo de vida, necessitando de suporte mecânico (forófito) para apoio externo, em forma de gavinhas, ganchos, espinhos, dos quais podem ter origem caulinar ou foliar.

Tendo em vista as diferentes abordagens de classificação dos mecanismos de ascensão das trepadeiras, foi adotada a proposta por Hegart (1991) com adaptações: (1) volúveis – são as que utilizam o caule, ramos ou pecíolos para se envolverem no

forófito; (2) preênsais – que utilizam as gavinhas para se atrelar ao suporte, podendo estas serem simples ou ramificadas, com extremidades em estruturas aderentes ou uncinadas; (3) escandentes – são as que crescem se apoiando no suporte, frequentemente apresentam acúleos para evitar a queda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

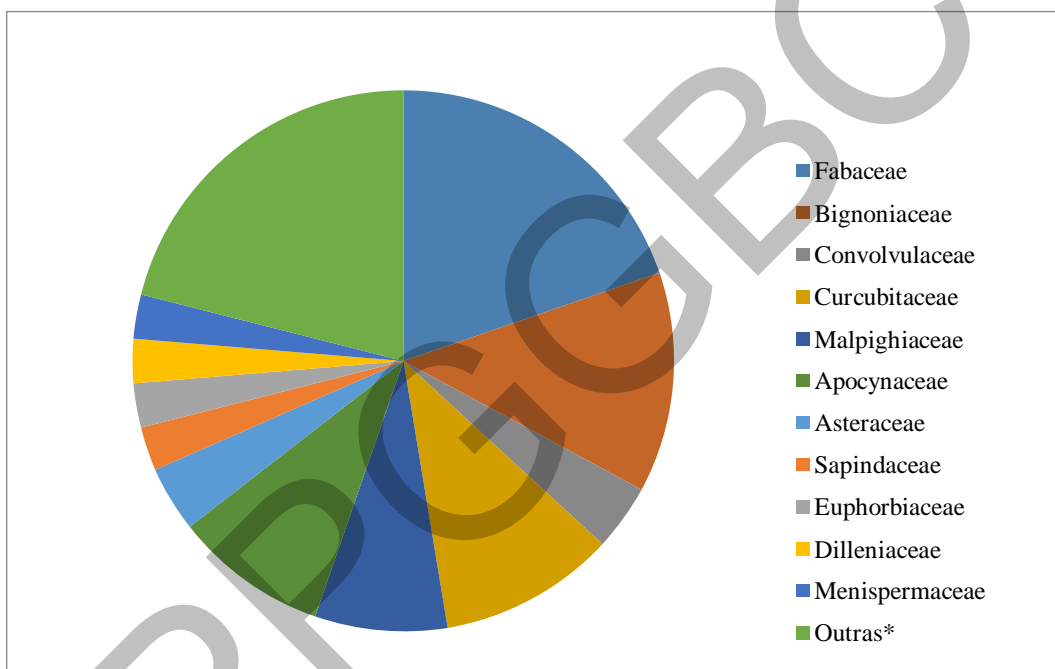
No PARNA de Boa Nova, as trepadeiras foram representadas por 130 espécies distribuídas em 27 famílias e 76 gêneros. As famílias com maior riqueza específica foram: Fabaceae (19 spp.), Bignoniaceae (13 spp.), Convolvulaceae (11 spp.), Curcubitaceae (11 spp.) e Malpighiaceae (11 spp.) que juntas compõem cerca de 50% das espécies. Os gêneros que se destacaram foram: *Passiflora* (8 spp.), *Ipomoea* (6 spp.), *Dioscorea* (5 spp.), *Heteropterys* (4 spp.) e *Smilax* (4 spp.).

Macedo (2007), em estudo do componente arbóreo-lianescente realizado em um fragmento florestal em Floresta Estacional Decídua Montana na Bahia (60-750m alt.), as trepadeiras representam cerca de 20% das espécies. Semelhantemente, Amorim *et al.* (2009), com base no inventário florístico de três remanescentes de floresta montana na Mata Atlântica do sul da Bahia (300-1080m alt.), o hábito trepador representou cerca de 10% do total de espécies.

Autores	Localidade	Área (ha)	Altitude	Formação Vegetacional	Nº.sp. de trepadeiras
Peixoto & Gentry (1990)	Reserva Florestal de Linhares (ES)	22.000 ha.	30m	Floresta tabuleiro	95
Macedo (2007)	Propriedade particular (Faz. Brejo Novo)	300 ha.	600-750m	Floresta seca	73
Thomas <i>et al.</i> (2008)	Uruçuca	300 ha.	200m	Floresta úmida	65
Amorim <i>et al.</i> (2008)	Reserva Biológica de UNA	9000 ha.	250m	Floresta úmida/tabuleiro	94
Amorim <i>et al.</i> (2009)	RPPN Serra Bonita, Serra das Lontras e Pedra Lascada	8.300 ha.	300-1080m	Floresta úmida	123
Presente estudo	PARNA Boa Nova	10.900 ha.	600-1000m	Floresta seca/úmida	130

Tabela 1: Trabalhos com trepadeiras realizados em fragmentos na porção central da Mata Atlântica.

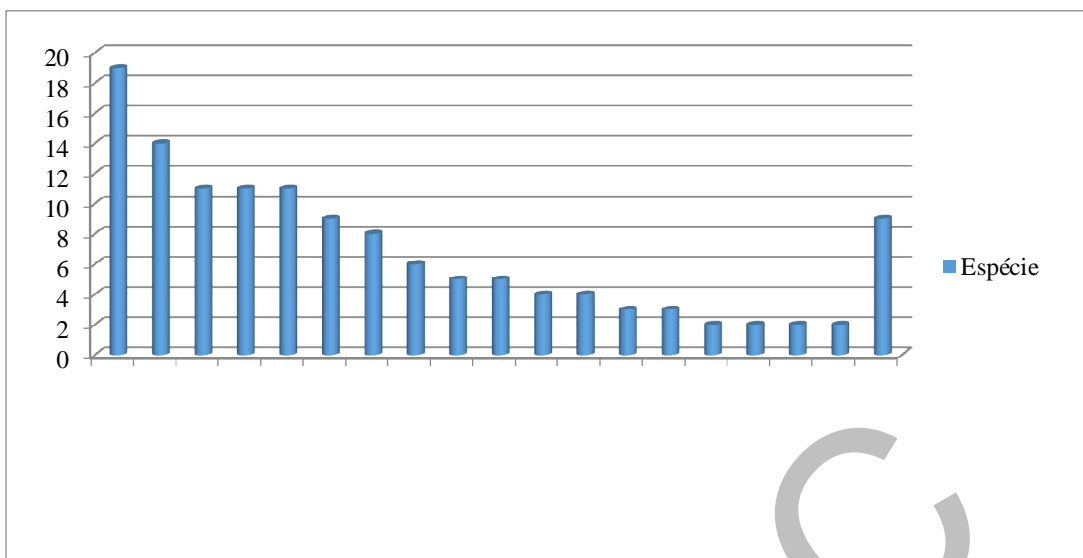
O número de espécies do PARNA de Boa Nova é semelhante ao encontrado por Amorim *et al.* (2009). No entanto, a composição se diferencia, a exemplo de Fabaceae (5 spp.) que em contrapartida aqui é a família melhor representada (19 spp.). Asteraceae com 24 spp. nas florestas montanas do Sul da Bahia é melhor representada que no PARNA de Boa Nova (6 spp.). Em comparação com Rezende & Ranga (2005), Udulustsh (2004), Araújo & Alves (2011) e Carneiro & Vieira (2012), o número total de espécies encontrado na área é superior. É possível que a alta diversidade de espécies registrada no Parque, deve-se ao tamanho da área amostrada, somado às duas fisionomias distintas de Mata Atlântica (Floresta Estacional e Ombrófila), ao contrário dos demais estudos.



*Outras: Asparagaceae, Cactaceae, Commelinaceae, Phytolaccaceae, Loganiaceae, Rhamnaceae, Ranunculaceae, Rubiaceae, Solanaceae.

Figura 3: Distribuição das famílias de acordo com a diversidade de espécies registradas para a área.

Já em Macedo (2007), apesar do número total de espécies ser inferior ao encontrado neste estudo, Malpighiaceae (11 spp.) tem semelhante relevância em diversidade; além disso, 18 espécies trepadeiras são comuns tanto ao Parque como na área do Brejo Novo.



*Outras: Aristolochiaceae, Boraginaceae, Asparagaceae, Cactaceae, Commelinaceae, Dioscoreaceae, Passifloraceae, Phytolaccaceae, Loganiaceae, Rhamnaceae, Ranunculaceae, Rubiaceae, Smilacaceae, Solanaceae, Trigoniaceae, Vitaceae.

Figura 4: Distribuição das famílias de acordo com a diversidade de espécies registradas para a área.

Fabaceae é a mais representativa em número de gêneros e espécies (19 spp.) no Parque tendo como os tipos de mecanismos de ascensão: volúvel, preênsil e escandente, assim como a associação entre categorias. Sendo assim, corrobora estudos anteriores que tratam o hábito trepador como evento chave catalizador de diversificação dentro um determinado táxon (Gianoli 2013). As subfamílias representadas com os respectivos gêneros são Papilionoideae (*Centrosema*, *Chaetocalyx*, *Cratylia*, *Galactia*, *Machaerium*, *Mucuna*, *Rhynchosia*, *Vigna*), Mimosoideae (*Mimosa*, *Parapiptadenia*, *Senegalia*) e Caesalpinioideae (*Phanera*).

Foram registradas 22 espécies (17% do total encontrado no Parque) consideradas endêmicas da Mata Atlântica. Entre elas, *Dalechampia leandrii* (Euphorbiaceae) conhecida até então apenas para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, *Stigmaphyllon alternifolium* (Malpighiaceae) para Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo e *Passiflora organensis* (Passifloraceae) apenas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Esses táxons ocorrem em Floresta Ombrófila Densa e são citados aqui pela

primeira vez para o estado da Bahia. Já *Senegalia pteridifolia* (Fabaceae) indicada para Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e Pernambuco (García-González 2011) foi registrada em Floresta Estacional sendo também uma nova ocorrência para o estado (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

Além disto, *Matelea maritima* (Apocynaceae), *Jacquemontia choisyana* (Convolvulaceae), *Vigna longifolia*, *Rhynchosia phaseoloides* (Fabaceae), *Heteropterys macrostachya* e *Stigmaphyllon alternifolium* (Malpighiaceae) são novas ocorrências para o Nordeste. *Apodanthera villosa*, *Carolus chasei*, *Ipomoea logistaminea* e *Janusia schwannioides* consideradas restritas a Caatinga (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) foram encontradas na área de Floresta Estacional Semidecídua.

Com base na Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013), *Apodanthera villosa* (Cucurbitaceae), *Aristolochia pubescens* (Aristolochiaceae), *Carolus chasei*, *Heteropterys brunnea*, *Janusia schwannioides* (Malpighiaceae), *Mikania rotundifolia* (Asteraceae) e *Parapiptadenia blanchetii* (Fabaceae) são endêmicas do estado da Bahia.

Janusia schwannioides W.R.Anderson (Malpighiaceae) e *Odontocarya vitis* Miers (Menispermaceae), são consideradas como Vulneráveis por Biodiversitas (1992), apesar dos dados insuficientes para serem enquadradas em alguma das categorias de ameaça (MMA, 2010),

Cuscuta globosa (Convolvulaceae) e *Cassytha filiformes* (Lauraceae), apesar citadas por Oliveira *et al.* (2012) e encontradas no PARNA, foram suprimidas do estudo, por não se enquadrarem no conceito de trepadeira adotado.

Em função da degradação de algumas áreas do Parque, foram encontradas, em bordas florestais e trilhas próximas às casas, espécies cultivadas como chuchu, *Sechium edule* (Cucurbitaceae) e feijão- mangalô, *Lalab purpureus* (Fabaceae).

Segundo os mecanismos de escalada observados, 55% das espécies registradas no Parque Nacional de Boa Nova apresentam caule volúvel, representadas por Fabaceae, Malpighiaceae e Convolvulaceae. No mecanismo preênsil estão 38% das espécies, onde se destacam Bignoniaceae, Cucurbitaceae e Passifloraceae. As trepadeiras escandentes correspondem a 7% do total de espécies, com representantes em Asparagaceae, Cactaceae, Loganiaceae e Phytolacaceae. Dentre estas, as que possuem

mais de um mecanismo de escalada, por exemplo, espinhos e gavinhas são representados por 5% das espécies.

No total de espécies trepadeiras do Parque, 87 (68%) são lenhosas e 42 (32%) são herbáceas, assim como 60% são volúveis, 34% são preênses e 6% são escandentes. Dentre as lenhosas, 59 (67%) são volúveis como mecanismo de escalada, 27 são preênses e 8 escandentes. Já com as espécies herbáceas, 24 são volúveis, 23 são preênses e 3 escandentes. Semelhantemente, Villagra *et al.* (2011) encontraram 70% de espécies lenhosas, entretanto 44% destas eram volúveis.

Confirmando o resultado encontrado, Villagra *et al.* (2012) afirma que os diferentes mecanismos de escalada das trepadeiras colaboram na identificação de qual estágio de conservação a floresta ombrófila se caracteriza, e aponta a importância de testes de correlação entre os mecanismos de escalada e a estrutura da floresta. Assim como as espécies de porte lenhoso e as que apresentam o mecanismo de ascensão volúvel indicam que a floresta está em um estágio avançado de sucessão. Somado a isto, comparando as duas florestas encontradas no Parque, Fabaceae apresenta o maior número de táxons que associam mais de um mecanismo de escalada e se apresenta mais diversa na Floresta Ombrófila Densa, assim sugere-se um bom estágio de conservação para a área. Hegarty & Caballé (1991) apontam que um mecanismo de ascensão e fixação considerado adequado depende do tipo de suporte disponível, da estrutura e altura do dossel, por isso o acesso à luz não é determinante para a dinâmica de uma população de trepadeiras, mas também o número de suportes disponíveis. Contudo algumas trepadeiras não utilizam o suporte mesmo estando disponível, enquanto que outras trepadeiras utilizam o suporte para a ascensão e expansão no sentido vertical e horizontal.

O número de espécies lenhosas é superior ao das herbáceas nas duas áreas, contudo na Floresta Ombrófila Densa o número de herbáceas é significativamente maior que o encontrado na área de Floresta Estacional. No PARNA de Boa Nova, as trepadeiras lenhosas são visualmente mais abundantes nas bordas dos fragmentos, enquanto as herbáceas são mais numerosas no interior. As áreas compartilham cerca de 5% das espécies de trepadeiras. As famílias cujos representantes são encontrados em quase sua totalidade na Floresta Estacional são: Convolvulaceae, Apocynaceae e Dioscoreaceae. E na Floresta Ombrófila, Cucurbitaceae, Passifloraceae e

Aristolochiaceae. Entretanto, as famílias Fabaceae, Malpighiaceae e Bignoniaceae, naturalmente mais diversas no contexto mundial, na área de estudo, possui o número de espécies similar nas florestas seca e úmida.

Em trabalho realizado na Reserva de Linhares (ES), Peixoto & Gentry (1990) encontraram 95 espécies de trepadeiras, cuja representatividade foi alta para a família Bignoniaceae (9 spp.). Rolim *et al.* (2006) aponta que a floresta dos tabuleiros terciários, no Holoceno já se encontrava formada e a planície do rio Doce era coberta pelo mar. Assim essa Reserva é geologicamente recente e possivelmente foi originada da colonização de espécies dos tabuleiros do Terciário. Por isso, a região de tabuleiro foi considerada o local mais rico em lianas fortemente lenhosas (DAP superior a 10cm) nos neotrópicos. Quanto ao número de espécies em Bignoniaceae, é semelhante ao encontrado no PARNA. Gentry (1991) sugere que a latitude e a sazonalidade pluvial são fatores que podem determinar as variações na composição florística de trepadeiras nas florestas tropicais. Sob uma dimensão local, a diferenciação de habitat (Florestas Estacional e Ombrófila) pode ser o fator primordial para a significativa a riqueza de espécies encontrada.

Estudos quantitativos têm chamado a atenção para os efeitos dos diferentes padrões abióticos na composição florística de comunidades da Mata Atlântica (Oliveira-Filho & Fontes 2000, Pereira *et al.* 2006). É possível que a diferença na composição e número de espécies de trepadeiras nas duas áreas amostradas esteja relacionada à disponibilidade hídrica (pluviosidade) e ao tipo de solo, além do relevo e declividade ocasionando notável diferença na flora destas fisionomias. No entanto, não há dados disponíveis em relação às variáveis para as diferentes fisionomias do PARNA Boa Nova.

Gentry (1995) e Richards (1996) afirmam que as florestas úmidas têm maior riqueza que as secas, entretanto neste estudo a área de Floresta Estacional Semidecídua apresenta 66 espécies, ao ponto que na área de Floresta Ombrófila Densa foram registradas 60 espécies, os taxa comuns às duas áreas somam o número de 5 espécies.

Vale ressaltar que a porção do Parque ocupada com Floresta Estacional é significativamente menor e severamente perturbada e antropizada (rodovia, estradas vicinais e propriedades rurais) agricultura de subsistência. Pode-se sugerir que a área de floresta seca, por conta do maior número de incidência solar advindo das clareiras e

maior número de bordas nos fragmentos, favoreceu o estabelecimento das trepadeiras. No entanto, o número de espécies nas áreas não conta com uma diferença significativa, e não se pode apontar uma justificativa mais consistente.

PPGGGBC

**Chave para espécies de trepadeiras ocorrentes no Parque Nacional de Boa Nova,
Bahia, Brasil.**

1. Folhas simples	2
1. Folhas compostas	90
2. Folhas alternas	3
2. Folhas opostas ou verticiladas	62
3. Gavinhas presentes.....	4
3. Gavinhas ausentes ou ocasionais nos ramos	28
4. Bainha foliar presente.....	5
4. Bainha foliar ausente.....	8
5. Bainha com alas filiformes.....	<i>Smilax syphilitica</i> (Fig.6. A)
5. Bainha sem alas filiformes	6
6. Folhas cartáceas a coriáceas; ramos inermes.....	<i>Smilax rufescens</i>
6. Folhas membranáceas; ramos espinescentes	7
7. Folhas com limbo ovado, ápice apiculado	<i>Smilax elastica</i>
7. Folhas com limbo oblanceolado, ápice cuspidado.....	<i>Smilax campestris</i>
8. Margem serreada com nectários extraflorais; gavinha inserida na base da inflorescência.....	<i>Gouania blanchetiana</i> (Fig.6. B)
8. Margem não serreada (por vezes, com projeções das nervuras do limbo); gavinha inserida em outras regiões do ramo foliar	9
9. Folhas com limbo inteiro.....	10
9. Folhas lobadas a partidas.....	15
10. Par de glândulas na base do limbo presente; gavinha por vezes ramificada	<i>Fevillea passiflora</i> (Fig.5. A)
10. Par de glândulas na base do limbo ausente; gavinha inteira.....	11
11. Folha 5-angulada com tricomas escabrosos. Fruto peponídeo	<i>Melothria pendula</i>
11. Folha não 5-angulada e tricomas escabrosos ausentes. Fruto não peponídeo	12
12. Folhas e ramos densamente pilosos; base cordada, margem com nervuras que se projetam.....	

.....	<i>Sechium edule</i>	
12. Folhas e ramos glabros; base não cordada; margem inteira		13
13. Pecíolo sem glândulas	<i>Melothrianthus smilacifolius</i>	
13. Pecíolo com glândulas.....		14
14. Caule quadrado liso; estípulas lanceoladas presentes; pecíolo com glândulas pedunculadas globosas	<i>Passiflora alata</i> (Fig.6. D)	
14. Caule cilíndrico estriado longitudinalmente; estípulas ausentes; pecíolo com glândulas sésseis oblongas	<i>Passiflora malacophylla</i> (Fig.6. G e G')	
15. Folhas bilobadas.....		16
15. Folhas trilobadas a partidas		18
16. Folhas com lobos acuminados divididos por mais da metade do comp, face adaxial pilosamente ferrugínea		17
16. Folhas com lobos arredondados divididos 1/4 a 1/3 do comp, face adaxial glabrescentes.....	<i>Phanera trichosepala</i>	
17. Base foliar cordada, lâmina foliar com 7-8cm de comprimento....	<i>Phanera outimouta</i>	
17. Base foliar ligeiramente cordada, lâmina foliar com 3-5cm de comprimento		
.....	<i>Phanera microstachya</i>	
18. Estípulas presentes		19
18. Estípulas ausentes		24
19. Estípulas foliáceas reniformes		20
19. Estípulas lanceoladas.....		22
20. Tricomas glandulares estipitados e viscosos presentes	<i>Passiflora foetida</i> (Fig.6. E)	
20. Tricomas glandulares estipitados e viscosos ausentes		21
21. Folhas com lobo central maior que os laterais, ápice mucronado		
.....	<i>Passiflora amethystina</i>	
21. Folhas com lobos de iguais entre si, ápice não mucronado.....	<i>Passiflora edmundoi</i>	
22. Glândulas na lâmina foliar.....	<i>Passiflora organensis</i> (Fig.6. F)	
22. Glândulas no pecíolo.....		23

23. Folhas 3-lobada (raramente inteira e lobada no mesmo indivíduo); glândulas côncavas estipitadas *Passiflora suberosa* (Fig.6. H)
23. Folhas 5-lobada; glândulas pateliformes sésseis..... *Passiflora cincinnata* (Fig.6. C)
24. Folhas coriáceas *Cayaponia trilobata*
24. Folhas membranáceas 25
25. Folhas trilobadas 26
25. Folhas com mais de três lobos 27
26. Largura do lobo central > 8cm; pedúnculo floral > 20cm; flor com pétalas glabras....
..... *Gurania subumbellata*
26. Largura do lobo central até 4cm; pedúnculo floral até 2cm; flor com pétalas pilosas .
..... *Gurania aff. tricuspidata*
27. Folhas densamente pilosas; sem nervuras que se projetam após o limbo; inflorescências multifloras sésseis *Apodanthera villosa*
27. Folhas levemente pilosas; com nervuras que se projetam após o limbo; inflorescências uniflora pedunculadas *Momordica charantia*
28. Folhas bilobadas..... 29
28. Folhas inteiras, trilobadas a partidas 31
29. Folhas com lobos acuminados divididos por mais da metade do comp, face adaxial pilosamente ferrugínea 30
29. Folhas com lobos arredondados divididos 1/4 a 1/3 do comp, face adaxial glabrescentes..... *Phanera trichosepala*
30. Base foliar cordada, lâmina foliar com 7-8cm de comprimento.... *Phanera outimouta*
30. Base foliar ligeiramente cordada, lâmina foliar com 3-5cm de comprimento
..... *Phanera microstachya*
31. Folhas com bainha foliar e venação paralelinérvea *Dichorisandra hexandra*
31. Folhas sem bainha foliar e venação não paralelinérvea 32
32. Ritidoma desprendendo-se em lâminas papiráceas..... 33 (Fig.5. H)
32. Ritidoma liso, fissurado ou esponjoso 34
33. Face adaxial da folha áspera ao toque; margem inteira *Davilla kunthi*

33. Ambas as faces da folha áspera ao toque; margem denteada	<i>Tetracera empedoclea</i>	
34. Pseudo estípulas suborbiculares a cordadas	<i>Aristolochia labiata</i> (Fig.8. N e N')	
34. Pseudo estípulas ausentes		35
35. Caule com aréolas axilares rodeadas por espinhos	<i>Pereskia aculeata</i> (Fig.5. I)	
35. Caule sem aréolas axilares rodeadas por espinhos		36
36. Estípulas presentes		37
36. Estípulas ausentes		40
37. Limbo 3-lobado a 3-partido		38
37. Limbo inteiro		39
38. Lâmina foliar com 5cm de largura, margem levemente serreada; pêlos urticantes ausentes		
.....	<i>Dalechampia scandens</i>	
38. Lâmina foliar com 16cm, margem fortemente serreada; pêlos urticantes presentes		
.....	<i>Dalechampia ficifolia</i>	
39. Margem da folha inteira, base levemente cordada; inflorescência pseudanto		
.....	<i>Dalechampia leandrii</i>	
39. Margem da folha serreada, base não cordada; inflorescência ciátio ...	<i>Tragia volubilis</i>	
40. Pulvino presente.....		41
40. Pulvino ausente.....		47
41. Caule com lenticelas; domáceas na base das folhas	<i>Odontocarya vitis</i> (Fig.6. I)	
41. Caule sem lenticelas; domáceas ausentes nas folhas		42
42. Face abaxial da folha com indumento esbranquiçado..	<i>Chondrodendron platyphyllum</i>	
42. Face abaxial da folha sem indumento esbranquiçado		33
43. Folhas com tricomas negros	<i>Dioscorea cinnamomifolia</i> (Fig.6. J)	
43. Folhas sem tricomas negros.....		44
44. Folhas de base cordada a truncada.....		45
44. Folhas de base cuneada	<i>Dioscorea campestris</i>	

45. Ramos e caules aculeados e/ou um par de acúleos na inserção do pecíolo.....	
.....	<i>Dioscorea altissima</i>
45. Ramos e caules inermes e/ou um par de espinhos na inserção do pecíolo.....	46
46. Folhas com 7-9 nervuras salientes na face abaxial, externas 2-furcadas, lobos basais arredondados; flores estaminadas pediceladas	<i>Dioscorea subhastata</i>
46. Folhas 5-7 nervuras salientes na face abaxial, lobos basais divergentes; flores estaminadas sésseis ou subsésseis.....	<i>Dioscorea aff. laxiflora</i>
47. Caule com par de espinhos em forma de garra a cada nó do ramo.....	
.....	<i>Seguiera aculeata</i> (Fig. 5. M)
47. Caule inerme, quando espinescente de forma distinta	48
48. Inflorescência escorpióide.....	49
48. Inflorescência de tipos distintos.....	50
49. Planta densamente revestida por indumento esbranquiçado ...	<i>Tournefortia candidula</i>
49. Planta densamente revestida por indumento griseo-ferrugíneo.....	<i>Tournefortia villosa</i>
50. Flores fortemente zigomorfas e monoclamídeas; fruto cápsula septicida.....	51
50. Flores actinomorfas e diclamídeas; fruto de tipos distintos	52
51. Folhas e flores glabras.....	<i>Aristolochia tamnifolia</i>
51. Folhas e flores pubescentes	<i>Aristolochia pubescens</i>
52. Ramos e folhas com tricomas estrelados.....	53 (Fig.5. L)
52. Ramos e folhas glabras ou sem tricomas estrelados	56
53. Folhas de base assimétrica.....	<i>Lycianthes pauciflora</i>
53. Folhas de base simétrica.....	54
54. Inflorescência séssil a subsséssil.....	<i>Jacquemontia nodiflora</i>
54. Inflorescência com pedúnculo > 1cm de comp	55
55. Indumento de folhas com coloração ferrugínea, quando secas; pedúnculo 2-2,5 cm de comp; flores azuis.....	<i>Jacquemontia ferruginea</i> var. <i>ambigua</i>
55. Indumento de folhas com coloração esbranquiçada; pedúnculo 6-8 cm de comp; flores alvas.....	<i>Jacquemontia choisyana</i>
56. Ramos glabros.....	57

56. Ramos pilosos a glabrescentes.....	60
57. Base cordada	<i>Ipomoea aristolochifolia</i>
57. Base obtusa a arredondada	58
58. Folhas revolutas; inflorescência capítulo com flores bege.....	<i>Trixis cf. divaricata</i>
58. Folhas planas; inflorescência dicásio com flores róseas a roxas	59
59. Ápice da folha não mucronado; limbo com 3-4,5cm de comp.....	<i>Ipomoea pintoii</i>
59. Ápice da folha mucronado; limbo com 5-8cm de comp	<i>Ipomoea longistamina</i>
60. Sépalas não ciliadas.....	<i>Ipomoea tiliacea</i>
60. Sépalas ciliadas	63 (Fig.5. B, B' e B'')
61. Sépalas externas menores que internas	<i>Ipomoea regnellii</i>
61. Sépalas externas ligeiramente maiores ou iguais às internas	<i>Ipomoea triloba</i>
62. Folhas verticiladas.....	<i>Herreria glaziovii</i>
62. Folhas opostas.....	6
63. Ramos com um par de espinhos patentes a levemente recurvados nos nós
.....	<i>Strychnos brasiliensis</i> (Fig.8. C)
63. Ramos inermes.....	64
64. Glândulas no pecíolo e/ou nas folhas	65
64. Glândulas ausentes.....	74
65. Folhas totalmente glabras	66
65. Folhas pubescentes.....	67
66. Glândulas no pecíolo.....	<i>Heteropterys nordestina</i>
66. Glândulas na base da lâmina foliar na face adaxial	<i>Blepharodon pictum</i>
67. Folhas discolores com face abaxial esverdeada, alaranjada ou esbranquiçada	68
67. Folhas com ambas as faces de igual coloração.....	71
68. Folhas coriáceas, indumento ferrugíneo na face abaxial, glândulas arredondadas em toda a extensão da margem	<i>Heteropterys macrostachya</i>

68. Folhas membráceas, indumento lanuginoso ou seríceo esbranquiçado na face abaxial, glândulas ausentes na margem	69
69. Folhas com até 5cm de compr. e até 1,5 de larg., indumento seríceo na face abaxial..	<i>Janusia schwannioides</i>
69. Folhas maiores que 5cm de compr. e até 1,5 de larg., indumento lanuginoso na face abaxial	70
70. Venação secundária inconspícua na face adaxial, pecíolo com 1,7 a 2cm de compr.	<i>Stigmaphyllon alternifolium</i>
70. Venação secundária levemente impressa na face adaxial, pecíolo com 2,5 a 10cm de compr.....	<i>Stigmaphyllon saxicola</i>
71. Folhas glabrescentes.....	72
71. Folhas pubescentes.....	73
72. Folhas cartáceas com 10-11 cm de compr., castanhas quando secas, glândulas na base do limbo na face abaxial.....	<i>Heteropterys megaptera</i>
72. Folhas membráceas com até 8,5 cm de compr., esverdeadas quando secas, glândulas ausentes na base do limbo	<i>Amorimia rigida</i>
73. Folhas com glândulas ao longo da na margem.....	<i>Heteropterys brunnea</i>
73. Folhas com glândulas apenas na base	69
74. Folhas glabrescentes na face abaxial e venação inconspícua na face adaxial, glândulas na margem da base do limbo	<i>Carolus chasei</i>
74. Folhas com venação impressa na face adaxial, coloração enegrecida quando secas; levemente pilosas na face adaxial; um par de glândulas na base do limbo cerca de 1cm da margem	<i>Heteropterys cf. trigoniifolia</i>
75. Folhas glabras.....	76
75. Folhas pubescentes.....	82
76. Presença de estípula	<i>Trigonia laeve</i>
76. Estípula ausente	77
77. Folhas coriáceas revolutas.....	<i>Marsdenia hilariana</i>
77. Folhas não coriáceas e planas	77

78. Coléteres presentes 79 (Fig.5. L)
 78. Coléteres ausentes 81
79. Folhas obovadas com até 3cm de compr.; pecíolo com 5mm
 *Mandevilla moricandiana*
 79. Folhas elípticas maiores que 3cm de compr.; pecíolo maior que 5mm 80
80. Folhas com tufo de pelos esbranquiçados na base na face abaxial; flores amarelas
 com 8cm de compr..... *Mandevilla microphyla* (Fig.5. D)
 80. Folhas sem tufo de pelos; flores alvas menores que 8cm de compr. *Secondatia floribunda*
81. Folhas membranáceas *Mikania rotundifolia*
 81. Folhas crassas *Mikania cf. trinervis*
82. Folhas com margem revolutas e venação impressa na face adaxial *Trigonía nivea*
 82. Folhas com margem plana e venação inconspícua na face adaxial 83
83. Estípula foliácea..... *Sabicea grisea*
 83. Estípula foliácea ausente 84
84. Indumento presente em ambas as faces..... 85
 84. Indumento apenas na face abaxial; *Piptocarpha oblonga*
85. Folhas com margem denteada..... *Mikania hemisphaerica*
 85. Folhas com margem inteira 86
86. Ritidoma esbranquiçado esponjoso..... *Matelea maritima*
 86. Ritidoma liso..... 87
87. Base foliar obtusa ou cuneada *Ditassa pohliana*
 87. Base foliar cordada..... 88
88. Folhas 5-nervadas; coleteres ausentes..... *Mikania hirsutissima*
 88. Folhas peninérveas; coleteres presentes 89
89. Folhas adaxialmente hirsutas a estrigosas e abaxialmente vilosas; coleteres na base
 da folha *Matelea ganglionosa* (Fig.5. K)
 89. Folhas em ambas as faces vilosas; coleteres interpeciolares.....

.....	<i>Prestonia bahiensis</i> (Fig.6. K e K')	
90. Folhas alternas		91
90. Folhas opostas.....		115
91. Presença de gavinhas.....		92
91. Ausência de gavinhas		101
92. Folhas com três folíolos		93
92. Folhas com cinco folíolos ou mais.....		95
93. Caule alado; gavinha com discos adesivos nas extremidades	<i>Cissus nobilis</i>	
93. Caule não alado; gavinha sem discos adesivos.....		94
94. Caule com tricomas com 5mm de comp. nas costelas; folhas de margem serreada; gavinha na base da inflorescência.....	<i>Serjania cuspidata</i> (Fig.5. F)	
94. Caule glabro; folhas de margem serreada com nervuras projetadas além do limbo; gavinha a 90º graus do pecíolo.....	<i>Gurania bignoniaceae</i>	
95. Folhas com 5-folíolos.....		96
95. Folhas com 6-folíolos ou mais.....		98
96. Folhas pilosas; estípulas foliáceas.....	<i>Paullinia rubiginosa</i>	
96. Folhas glabras; estípulas ausentes		97
97. Folíolo de margem inteira; caule sem cilindros periféricos; fruto cápsula septígrafa ..		
.....	<i>Paullinia carpodoea</i>	
97. Folíolo de margem denteada; caule com cilindros periféricos; fruto sâmara		
.....	<i>Serjania cf. bahiana</i>	
98. Caule levemente piloso com 8 cilindros periféricos; gavinha na base da inflorescência.....		
.....	<i>Serjania caracasana</i>	
98. Caule totalmente glabro sem cilindros periféricos.....		99
99. Folhas com glândulas na face abaxial; gavinha a 90º graus da folha; inflorescência uniflora		
.....	<i>Cayaponia trifoliolata</i>	
99. Folhas sem glândulas; gavinha oposta à folha; inflorescência mutiflora umbeliforme		

.....	100
100. Folhas com venação proeminente na face abaxial; inflorescência indumentada vermelha; cálice levemente coberto por tricomas diminutos	<i>Cissus paulliniifolia</i>
100. Folhas com venação inconspícua na face abaxial; inflorescência glabra, esverdeada; cálice glabro	<i>Cissus serroniana</i>
101. Folhas 3-folioladas	102
101. Folhas com 4 ou mais folíolos	110
102. Folíolos basais assimétricos	103
102. Folíolos basais simétricos	107
103. Folhas cobertas de pontoações glandulares amarelas na face abaxial	<i>Rhynchosia phaseoloides</i>
103. Folhas sem pontoações glandulares	104
104. Estipeladas	105
104. Estipelas ausentes	<i>Mucuna urens</i>
105. Planta densamente coberta por tricomas ferrugíneos; flores lilás; fruto legume falcado	<i>Calopogonium mucunoides</i>
105. Planta glabra ou estrigosa; flores amarelas ou creme; fruto reto	106
106. Folhas com ambas as faces estrigosas; pedúnculo com 4 cm de compr	<i>Vigna longifolia</i>
106. Folhas com ambas as faces glabrascentes; pedúnculo com 10-20cm de compr.....	<i>Vigna caracalla</i>
107. Folíolos deltóides de base truncada a obtusa	<i>Lablab purpureus</i>
107. Folíolos ovados, elípticos ou oval-lanceolados de base cunheada	108
108. Folhas com face adaxial totalmente glabra e abaxial com indumento griseo	<i>Cratylia hyparginea</i>
108. Folhas com ambas as faces levemente pilosas.....	109

109. Folíolos de base arredondada, nervuras secundárias incospícuas; pecíolo com 3,5-6cm de comp..... *Galactia striata*
109. Folíolos de base obtusa, nervuras secundárias proeminentes; pecíolo com 1- 1,5cm de comp *Centrosema virginianum*
110. Ramos inermes 111
110. Ramos armados..... 112
111. Folhas 4-folioladas, glabros em ambas as faces *Poiretia punctata*
111. Folhas 5-folioladas; pilosas em ambas as faces..... *Chaetocalyx scandens var. pubescens*
112. Pecíolo aculeado 113
112. Pecíolo inerme *Parapiptadenia blanchetii*
113. Folhas com um par de pinas e um par de folíolos por pina *Mimosa sensitiva*
113. Folhas com mais de um par de pinas..... 114
114. Ramos 5-costados com espinhos distribuídos em linhas longitudinais nas costelas; nectários extraflorais ausentes *Mimosa invisa*
114. Ramos não costados com espinhos esparsos; nectários extraflorais presentes no pecíolo
..... *Senegalia pteridifolia*
115. Caule cilíndrico, por vezes estriado longitudinalmente.....116
115. Caule tetragonal *Pleonotoma melioides*
116. Pseudo estípulas presentes 117
116. Pseudo estípulas ausentes 118
117. Gavinha bífida; folíolos elípticos a ovados e arredondados na base; pseudo estípulas coriáceas, persistentes *Anemopaegma aff. laeve*
117. Gavinha trífida; folíolos cordiformes ou truncados na base; pseudo estípulas membranáceas, caducas *Amphilophium paniculatum*
118. Ritidoma desprendendo-se em lâminas papiráceas longitudinais; gavinha trífida em forma de garra..... *Dolichandra unguiculata* (Fig.5. J)
118. Ritidoma liso; gavinha de outros tipos ou ausentes 119
119. Folhas pilosas..... 120

119. Folhas glabras	123
120. Folhas com pontoações translúcidas; flores de cálice inflado <i>Stizophyllum perforatum</i>	
120. Folhas sem pontoações translúcidas; flores sem cálice inflado	121
121. Ramos e pecíolos glabros; folhas verdes quando secas <i>Adenocalymma comosum</i>	
121. Ramos e/ou pecíolos pilosos; folhas enegrecidas ou castanhas quando secas	122
122. Campo de glândulas ausente; folhas 3-5,5cm de comp enegrecidas quando secas, tricomas apenas na venação da face abaxial	<i>Cuspidaria cf. floribunda</i>
122. Campo de glândulas nos nós do caule; folhas com 7-9,5 de comp castanhas quando secas, face abaxial coberta por tricomas	<i>Fridericia dispar</i>
123. Gavinhas presentes	124
123. Gavinhas ausentes	127
124. Gavinhas de outros formatos	125
124. Gavinhas trífidas	<i>Pyrostegia venusta</i> (Fig.5. G)
125. Folhas peninérveas	<i>Lundia virginalis</i>
125. Folhas trinervadas	126
126. Disco nectarífero pateliforme	<i>Fridericia triplinervia</i>
126. Disco nectarífero pateliforme	<i>Fridericia platyphylla</i>
127. Folhas peninérveas	<i>Lundia virginalis</i>
127. Folhas trinervadas	128
128. Disco nectarífero pateliforme	<i>Fridericia triplinervia</i>
128. Disco nectarífero ausente	<i>Clematis dioica</i>

APOCYNACEAE

No Brasil está representada por cerca de 750 espécies (Kock *et al.* 2013). Destaca-se pelo exudato leitoso, as folhas simples e opostas, estípulas ausentes e flores de corola tubulosa e lobos torcidos no botão (Rapini 2010). As trepadeiras são lenhosas e herbáceas com caule volúvel. No PARNA Boa Nova ocorrem 9 espécies, sendo 1 na FOD e 8 na FES. *Mandevilla microphyla* entre as trepadeiras do Parque é a espécie visualmente mais abundante. Em estudos como Carneiro & Vieira (2012), Araujo & Alves (2010) e Udulutsch (2004) registraram de 3-7 espécies de Apocynaceae em inventário de trepadeiras em Floresta Atlântica. São amplamente distribuídas, sendo *Ditassa pohliana*, *Mandevilla moricandiana*, *Mateleia ganglionosa*, *Mateleia maritima*, *Prestonia bahiensis* e *Secondatia floribunda* endêmicas do Brasil (Kock *et al.* 2013).

1. *Blepharodon pictum* (Vahl) W.D.Stevens

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 17 agosto 2013 (fl.,fr.), *Brandão et al.* 323 (HUESB, UFP).

2. *Ditassa pohliana* E.Fourn

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (est.), *Brandão et al.* 285 (HUESB, UFP).

3. *Mandevilla microphyla* (Stadelm.) M.F.Sales & Kinoshita

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 11 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 253 (HUESB, UFP).

4. *Mandevilla moricandiana* (A.DC.) Woodson

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 22 de setembro de 2012 (fl.), *Brandão et al.* 136 (HUESB, UFP).

5. *Marsdenia hilariana* E.Forum

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 11 abril 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 251 (HUESB, UFP).

6. *Mateleia ganglionosa* (Vell.) Rapini

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 257 (HUESB, UFP).

7. *Mateleia maritima* (Jacq.) Woodson

Material examinado: Bahia, Boa Nova FES, 20 de setembro de 2013 (est.), *Brandão et al.* 220 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Santa Inês, 25 abril 2002 (fl.), *Souza et al.* 239 (HUEFS).

8. *Prestonia bahiensis* Müll.Arg

Materiais examinados: Bahia, Boa Nova, FES, 08 janeiro 2013 (fl.), *Aona et al.* 2004 (HUFRB), 19 abril 2013, *Brandão et al.* 286 (HUESB, UFP).

9. *Secondatia floribunda* A.DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 223 (HUESB, UFP).

ARISTOLOCHIACEAE

No Brasil é representada por cerca de 90 espécies. Destaca-se pelas folhas simples alternas, membráceas, em geral cordiformes, podendo apresentar pseudoestípula orbicular, além das flores vistosas, monoclamídeas e zigomorfas (Barros & Capellari 2004). São trepadeiras lenhosas com caule volúvel. No PARNA Boa Nova foram registradas 3 espécies exclusivamente na Floresta Ombrófila Densa. A família é em geral pouco representada nos inventários de plantas trepadeiras (Udulutsh 2004, Alves-Araújo & Alves 2010). Os três táxons encontrados são endêmicos do Brasil, sendo *Aristolochia pubescens* endêmica do estado da Bahia (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

10. *Aristolochia labiata* Willd.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 351 (HUESB, UFP).

11. *Aristolochia pubescens* Willd.ex Duch.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 357 (HUESB, UFP).

12. *Aristolochia tamnifolia* (Klotzsch) Duch.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 de agosto de 2013 (fl.), *Brandão et al.* 362 (HUESB, UFP).

ASPARAGACEAE

Compreende 15 espécies no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013), e destaca-se pelas folhas verticiladas, lanceoladas a oblongo-lanceoladas, sésseis e paralelinérveas. As trepadeiras são sublenhosas e volúveis com espinhos. A única espécie registrada no PARNA Boa Nova, apesar de amplamente distribuída, ocorre

apenas na Floresta Estacional Semidecídua, sendo aqui pela primeira vez relatada em inventários florísticos de trepadeiras.

13. *Herreria glaziovii* Lecomte.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.*, 240 (HUESB, UFP).

ASTERACEAE

Com cerca de 2.000 espécies no Brasil, destaca-se pelas folhas simples, opostas ou raro alternas, estípulas ausentes e inflorescência em capítulo. São trepadeiras herbáceas com caule volúvel. Está representada por 6 espécies, 4 na Floresta Estacional Semidecídua e 2 na Floresta Ombrófila Densa do PARNA Boa Nova. Udulutsh (2004) e Alves-Araújo & Alves (2010) registraram 1-2 espécies de Asteraceae em inventários de trepadeiras para Mata Atlântica. São amplamente distribuídas no Brasil, sendo *Mikania rotundifolia* endêmica da Bahia (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

14. *Mikania* cf. *trinervis* Hook. & Arn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 147 (HUESB, UFP).

15. *Mikania hemisphaerica* Sch.Bip. ex Baker

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (est.), *Brandão et al.* 310 (HUESB, UFP). Material adicional: São Paulo, 13 maio 1947 (fl.), *Hoehne et al.* 2490 (SPF).

16. *Mikania hirsutissima* DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 17 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 331 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Jacobina, 06 setembro 1999 (fl.), *Melo et al.* 3009 (HUEFS).

17. *Mikania rotundifolia* G.M.Barroso

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 351 (HUESB, UFP).

18. *Piptocarpha oblonga* (Gardner) Baker.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 200 (HUESB, UFP).

19. *Trixis* cf. *divaricata* (Kunth) Spreng.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 22 setembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 131 (HUESB, UFP).

BIGNONIACEAE

Com cerca de 400 espécies no Brasil (Lohmann 2004), é reconhecida pelas folhas compostas e opostas com terceiro folíolo geralmente transformado em gavinha, e floema organizado em cunhas em forma de cruz (Judd *et al.* 1999). São trepadeiras lenhosas com caule volúvel e gavinhas, as quais podem ser ramificadas (trífidas, bífidias) ou simples. No PARNA Boa Nova está representada por 14 espécies, sendo que 4 ocorrem na FOD e 10 na FES. Araújo *et al.* (2010) e Villagra *et al.* (2011) registraram 3-20 espécies de Bignoniaceae em inventários de trepadeiras para Mata Atlântica. As espécies são amplamente distribuídas, sendo algumas endêmicas do Brasil com destaque para *Dolichandra unguiculata* restrita à Mata Atlântica e *Fridericia cuneifolia* conhecida apenas para a região Nordeste. *Anemopaegma laeve*, *Fridericia cuneifolia* e *F. dispar* são citadas exclusivamente para Caatinga e Cerrado (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013), tendo sido aqui registradas.

20. *Amphilophium paniculatum* (L.) Kunth

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 17 agosto 2013 (fr.), *Brandão et al.* 328 (HUESB, UFP).

21. *Adenocalymma comosum* (Cham.) DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 146 (HUESB, UFP).

22. *Anemopaegma laeve* DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 31 julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 372 (HUESB, UFP).

23. *Dolichandra unguiculata* (Vell.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (est.), *Brandão et al.* 342 (HUESB, UFP).

24. *Fridericia celastroides* (Bureau ex K.Schum.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 26 novembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 174 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Itatim, 31 março 1993 (fl.), *Melo et al.* 1555 (HUEFS).

25. *Fridericia cuneifolia* (DC.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 15 maio 2012 (est.), *Brandão et al.* 53 (HUESB, UFP).

26. *Fridericia dispar* (Bureau ex K.Schum.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 de abril de 2013 (fl.), *Brandão et al.* 284 (HUESB, UFP).

27. *Fridericia platyphylla* (Cham.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 258 (HUESB, UFP).

28. *Fridericia triplinervia* (Mart. ex DC.) L.G.Lohmann

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl. fr.), *Brandão et al.* 364 (HUESB, UFP).

29. *Lundia virginalis* DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 215 (HUESB, UFP).

30. *Pleonotoma melioides* (S.Moore) A.H.Gentry

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 04 (HUESB, UFP).

31. *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 60 (HUESB, UFP).

32. *Stizophyllum perforatum* (Cham.) Miers

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 159 (HUESB, UFP).

33. *Cuspidaria* cf. *floribunda* (DC.) A.H.Gentry

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 26 novembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 169 (HUESB, UFP).

BORAGINACEAE

Amplamente distribuída no Brasil e com cerca de 130 espécies. É reconhecida pelas folhas simples e alternas e inflorescência escorpióide (Melo *et al.* 2007). As trepadeiras são lenhosas, com caule volúvel. No PARNA de Boa Nova foram registradas 2 espécies na Floresta Estacional Semidecídua. Em geral, a família é pouco representada nos

inventários de trepadeiras (Udulutsh *et al.* 2004, Villagra *et al.* 2011). As espécies encontradas são amplamente distribuídas (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

34. *Tournefortia candidula* (Miers) I.M.Johnst.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 28 agosto 2012 (fl.), Brandão *et al.* 89 (HUESB, UFP).

35. *Tournefortia villosa* Salzm. ex. DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl., fr.), Brandão *et al.* 50 (HUESB, UFP).

CACTACEAE

Com cerca de 260 espécies no Brasil e características adaptativas a ambientes xéricos apesar de também ocorrem como trepadeiras e epífitas em florestas úmidas (Udulutsh 2004). Destaca-se pelas folhas simples, alternas, crassas e caule com aréolas axilares rodeadas por espinhos. A única espécie registrada para o PARNA Boa Nova, na Floresta Estacional Semidecídua, utiliza os espinhos como mecanismo de ascensão e já havia sido registrada por Tibiricá *et al.* (2006), sendo amplamente distribuída no Brasil.

36. *Pereskia aculeata* Mill.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (est.), Brandão *et al.* 17 (HUESB, UFP).

CONVOLVULACEAE

Amplamente distribuída, com cerca de 370 espécies no Brasil (Simão-Bianchini 2013). Destaca-se pelas folhas simples, raro compostas e alternas e flores vistosas gamopétalas. São trepadeiras lenhosas ou herbáceas com caule volúvel. No PARNA Boa Nova foram registradas 8 espécies na FES e 3 na FOD, diversidade similar a observada em outros inventários de trepadeiras (Udulutsh *et al.* 2004, Villagra 2011) em Mata Atlântica. As espécies encontradas são amplamente distribuídas e, em geral, todas são endêmicas (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

37. *Ipomoea aristolochiaefolia* (H.B.K.) G.Don.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), Brandão *et al.* 295 (HUESB, UFP).

38. *Ipomoea longistaminea* O'Donell

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 de maio de 2012 (fl.), *Brandão et al.* 15 (HUESB, UFP).

39. *Ipomoea* aff. *longistaminea* O'Donell

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 141 (HUESB, UFP).

40. *Ipomoea pintoii* O'Donell

Material examinado: Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl., fr.), *Brandão et al.* 31 (HUESB, UFP).

41. *Ipomoea regnellii* Meisn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 199 (HUESB, UFP).

42. *Ipomoea tiliacea* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 de fevereiro de 2013 (fl.), *Brandão et al.* 199 (HUESB, UFP).

43. *Ipomoea triloba* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 268 (HUESB, UFP).

44. *Jacquemontia choisyana* Meisner

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 36 (HUESB, UFP).

45. *Jacquemontia ferruginea* var. *ambigua* Choisy.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 216 (HUESB, UFP).

46. *Jacquemontia nodiflora* (Desr.) G. Don

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 219 (HUESB, UFP).

47. *Merremia macrocalix* (Ruiz & Pav) O'Donell

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 203 (HUESB, UFP).

COMMELINACEAE

Com cerca de 80 espécies distribuídas ao longo da Mata Atlântica e Amazônia, destaca-se por serem plantas com folhas simples alternas com bainha foliar e venação paralelinérvea. Um único representante, que é amplamente distribuído no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013), foi registrado na Floresta Estacional Semidecídua do PARNA Boa Nova.

48. *Dichorisandra hexandra* (Aubl.) Standl.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 295 (HUESB, UFP).

CUCURBITACEAE

Com cerca de 150 espécies de trepadeiras no Brasil (Klein & Lima 2011), em geral herbáceas, destaca-se pela variabilidade foliar (simples-inteira, simples-lobada a composta), estípulas ausentes e posição das gavinhas à 90° da inserção do pecíolo (Gomes-Costa & Alves 2012). No PARNA de Boa Nova foram registradas 11 espécies, 9 na FOD e apenas 2 para a FES, número superior ao registrado por Carneiro & Vieira (2012), Udulutsh *et al.* (2004) e Rezende & Ranga (2005) que registraram 2-5 espécies de Cucurbitaceae em inventários de trepadeiras para Mata Atlântica. O número encontrado é semelhante ao apresentado por Gomes-Costa & Alves (2012) em estudo realizado em um fragmento de Mata Atlântica de Pernambuco. Destaque para *Cayaponia trilobata*, *C. trifoliolata* e *Fevillea passiflora* que são endêmicas da Mata Atlântica e *Apodanthera villosa* registrada até então apenas para áreas de Caatinga no estado da Bahia (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

49. *Apodanthera villosa* C.Jeffrey

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 295 (HUESB, UFP).

50. *Cayaponia trilobata* Cogn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 07 fevereiro 2013 (fr.), *Brandão et al.* 208 (HUESB, UFP).

51. *Cayaponia trifoliolata* (Cogn.) Cogn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 197 (HUESB, UFP).

52. *Fevillea passiflora* Vell.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 262 (HUESB, UFP).

53. *Gurania* aff. *tricuspidata* Cogn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 271 (HUESB, UFP).

54. *Gurania bignoniacea* (Poepp. & Endl.) C.Jeffrey.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 289 (HUESB, UFP).

55. *Gurania subumbellata* (Miq.) Cogn.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013, *Brandão et al.* 278 (HUESB, UFP).

56. *Melothria pendula* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 265 (HUESB, UFP).

57. *Melothrianthus smilacifolius* (Cogn.) Mart.Crov.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 17 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 336 (HUESB, UFP).

58. *Momordica charantia* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 194 (HUESB, UFP).

59. *Sechium edule* (Jacq.) Sw.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 366 (HUESB, UFP).

DILLENACEAE

Com cerca de 80 espécies no Brasil, destaca-se pelo caule com ritidomas desprendendo-se em lâminas papiráceas e folhas simples alternas (Bruniera & Groppo 2010). São trepadeiras lenhosas com caule volúvel. No PARNA de Boa Nova foram registradas 2 espécies na Floresta Ombrófila Densa, similar ao observado em inventários (Villagra *et al.* 2011, Araújo *et al.* 2010) em Mata Atlântica. *Tetracera empedoclea* é endêmica dos

estados da Bahia e Minas Gerais, e conhecida até então apenas para Caatinga e Cerrado (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

60. *Davilla kunthi* A.St.-Hil

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (est.), *Brandão et al.* 295 (HUESB, UFP). Material adicional: Pernambuco, Igarassu, 23 setembro 2009 (fl.), *Garcia-González 1309* (HFP).

61. *Tetracera empedoclea* Gilg

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fr.), *Brandão et al.* 314 (HUESB, UFP).

DIOSCOREACEAE

Representada por cerca de 130 espécies no Brasil (Kirizawa *et al.* 2013). Destaca-se por serem trepadeiras dióicas e herbáceas com folhas simples e alternas com pulvino no pecíolo, com caule volúvel e por vezes com espinhos. No PARNA Boa Nova foram registradas 4 espécies na Floresta Estacional Semidecídua e *Dioscorea campestris* em ambas as formações vegetacionais, número similar ao observado em outros inventários (Rezende & Ranga 2005, Villagra 2011). As espécies são amplamente distribuídas, sendo *Dioscorea altissima* e *D. cinnamomifolia* endêmicas do Brasil (Kirizawa *et al.* 2013).

62. *Dioscorea altissima* Lam.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 210 (HUESB, UFP).

63. *Dioscorea campestris* Griseb.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl. fr.), *Brandão et al.* 45 (HUESB, UFP); FOD, 17 dezembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 45 (HUESB).

64. *Dioscorea cinnamomifolia* Hook.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 143 (HUESB, UFP).

65. *Dioscorea subhastata* Vell.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 210 (HUESB, UFP).

66. *Dioscorea* aff. *laxiflora* Mart. ex Griseb

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (fl.), Brandão *et al.* 141 (HUESB, UFP).

EUPHORBIACEAE

Representada no Brasil por quase 1.000 espécies (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013), com destaque para as folhas simples e alternas, raro lobadas e compostas, inflorescência em racemo, dicásio ou pseudantos (Cordeiro 1989). As trepadeiras na família são herbáceas e lenhosas, com caule volúvel. No PARNA de Boa Nova foram registradas 4 espécies, sendo que 2 ocorrem na FES e 2 na FOD, semelhante ao número encontrado por Udulutsh *et al.* (2004) e Araújo *et al.* (2010) em Mata Atlântica. *Dalechampia leandrii* e *D. ficifolia* são consideradas endêmicas da Mata Atlântica, sendo aqui o primeiro registro de *D. leandrii* para o estado da Bahia.

67. *Dalechampia leandrii* Lam.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fr.), Brandão *et al.* 210 (HUESB, UFP).

68. *Dalechampia scandens* Lam.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 28 agosto 2012 (fr.), Brandão *et al.* 69 (HUESB, UFP).

69. *Dalechampia ficifolia* Lam.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (est.), Brandão *et al.* 350 (HUESB, UFP).

70. *Tragia volubilis* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 31 agosto 2013 (fr.), Brandão *et al.* 160 (HUESB, UFP).

FABACEAE

Está representada por mais de 2700 espécies no Brasil. Destaca-se pelas folhas compostas alternas, pinas ou bilobadas (*Phaneras*), com estípulas e estípelas (Lima *et al.* 2006). As trepadeiras são lenhosas ou herbáceas com caule volúvel, além de espinhos ou gavinhas. No PARNA de Boa Nova foram registradas 19 espécies, sendo que 7 espécies ocorrem na área de Floresta Estacional Semidecídua, 10 na Floresta Ombrófila Densa e 2 ocorrem em ambas as formações vegetacionais, diversidade

bastante superior ao registrado por Rezende & Ranga (2005) e Villagra (2011) para Mata Atlântica, e semelhante ao citado por Araújo & Alves (2010). As que ocorrem exclusivamente na Floresta Ombrófila Densa correspondem a 28%, na Floresta Estacional Semidecidual a 57% e em ambos os ambientes 14%. Em sua maioria são amplamente distribuídas, porém com exemplos de endemismos no Brasil, para o estado da Bahia (*Parapiptadenia blanchetii*) e para a Mata Atlântica (*Cratylia hyparginea*, *Machaerium salzmannii* e *Senegalia pteridifolia*). *Phanera trichosepala* conhecida até então para a Caatinga (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) é citada pela primeira vez em área de Mata Atlântica.

71. *Calopogonium mucunoides* Desv.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 367 (HUESB, UFP).

72. *Centrosema virginianum* (L.) Benth.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 28 agosto 2012 (fl.), *Brandão et al.* 80 (HUESB, UFP); FOD, 19 novembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 156 (HUESB, UFP).

73. *Chaetocalyx scandens* var. *pubescens*

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 de abril de 2013 (fl.), *Brandão et al.* 300 (HUESB, UFP).

74. *Cratylia hyparginea* Benth.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 242 (HUESB).

75. *Galactia striata* Jacq.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 243 (HUESB, UFP); FOD, 31 Julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 367 (HUESB)

76. *Lablab purpureus* (L.) Sweet.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 370 (HUESB, UFP).

77. *Machaerium aculeatum* Raddi

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 26 novembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 168 (HUESB, UFP).

78. *Mimosa sensitiva* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 198 (HUESB, UFP).

79. *Mimosa invisa* Mart.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 274 (HUESB, UFP).

80. *Mucuna urens* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fr.), *Brandão et al.* 275 (HUESB, UFP).

81. *Parapiptadenia blanchetii* (Benth.) Vaz & M.P.Lima

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (est.), *Brandão et al.* 181 (HUESB, UFP).

82. *Phanera microstachya* (Raddi) L.P. Queiroz

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (est.), *Brandão et al.* 21 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Maracás, 22 abril 2002 (fl.), *Leite et al.* 248 (HUEFS).

83. *Phanera outimouta* (Aubl.) L.P. Queiroz

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (est.), *Brandão et al.* 348 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Capinaçu, 03 outubro 2010 (fl.), *Cavalcanti et al.* 2607 (CEN).

84. *Phanera trichosepala* L.P. Queiroz

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 15 maio 2012 (est.), *Brandão et al.* 54 (HUESB, UFP).

85. *Poiretia punctata* Desv.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 31 maio 2012 (fl.), *Brandão et al.* 353 (HUESB).

86. *Senegalia pteridifolia* (Benth.) Seigler & Ebinger

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 22 setembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 135 (HUESB, UFP).

87. *Rhynchosia phaseoloides* (Sw.) DC.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fr.), *Brandão et al.* 270 (HUESB, UFP).

88. *Vigna caracalla* (L.) Verdc.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 440 (HUESB, UFP).

89. *Vigna longifolia* (Benth.) Verdc.

Material examinado: Bahia, Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 441 (HUESB, UFP).

LOGANIACEAE

Representada no Brasil por 116 espécies (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) que se caracterizam pelas folhas simples e opostas podendo apresentar um par de espinhos patentes nos nós dos ramos (Nurit *et al.* 2005). A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova em Floresta Estacional Semidecídua é uma trepadeira lenhosa tendo caule com espinhos como mecanismo de ascensão. Apesar de citada apenas para as regiões Sudeste e Sul (Zappi *et al.* 2013), foi observada na área.

90. *Strychnos brasiliensis* (Spreng.) Mart.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 17 dezembro 2012 (est.), Brandão *et al.* 183 (HUESB, UFP).

MALPIGHIACEAE

Com cerca de 300 espécies no Brasil, (Lista de espécies da Floa do Brasil 2013), destaca-se pelas folhas simples, opostas com glândulas e presença de tricomas ramificados (malpighiáceos) (Anderson 1981). As trepadeiras são lenhosas com caule volúvel. Foram registradas 11 espécies, sendo que 5 ocorrem na FES e 6 na FOD, número bastante superior ao encontrando em outros inventários de trepadeiras realizados em Mata Atlântica (Udulutsh *et al.* 2004 e Araújo & Alves 2010). Vale ressaltar, com base na Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013), o grande número de espécies exclusivas da Mata Atlântica além das endêmicas do estado da Bahia (*Carolus chasei*, *Heteropterys brunnea* e *Janusia schwannioides*). Entre as espécies catalogadas, *Carolus chasei* e *J. schwannioides* eram conhecidas até então, apenas para a Caatinga (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013), sendo esta última considerada como Vulnerável por Biodiversitas (1992) e com dados insuficientes para ser enquadrada em alguma das categorias de ameaça de acordo com o MMA (2010). *H. Macrostachya* e *Stigmaphyllon alternifolium* são novas ocorrências para o estado.

91. *Amorimia rigida* (A.Juss.) W.R.Anderson

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 25 fevereiro 2013 (fl.), Marinho *et al.* 396 (HUFRB).

92. *Banisteriopsis multifoliolata* (A.Juss.) B.Gates

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 08 janeiro 2013 (fl.), Aona *et al.* 2025 (HUFRB).

93. *Carolus chasei* W.R.Anderson

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 236 (HUESB, UFP).

94. *Heteropterys brunnea* Sebastiani & Mamede

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 142 (HUESB, UFP).

95. *Heteropterys nordestina* Amorim

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2012 (fr.), *Brandão et al.* 360 (HUESB, UFP).

96. *Heteropterys megaptera* A.Juss.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2012 (fr.), *Brandão et al.* 344 (HUESB, UFP).

97. *Heteropterys macrostachya* A.Juss.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 11 abril 2012 (fl.), *Brandão et al.* 250 (HUESB, UFP).

98. *Heteropterys cf. trigoniifolia* A. Juss.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 11 abril 2012 (est.), *Brandão et al.* 148 (HUESB, UFP).

99. *Janusia schwannioides* W.R.Anderson

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 de setembro de 2012 (fl.), *Brandão et al.* 99 (HUESB, UFP).

100. *Stigmaphyllon alternifolium* Adr Jussieu

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 279 (HUESB, UFP).

101. *Stigmaphyllon saxicola* C.E.Anderson

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 17 agosto 2013 (fr.), *Brandão et al.* 324 (HUESB, UFP).

MENISPERMACEAE

No Brasil ocorrem 110 espécies (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) que se destacam por serem trepadeiras dióicas, lenhosas ou herbáceas com caule volúvel folhas alternas, venação geralmente palmatinérvea, pulvino e lâmina foliar discolor (Teixeira *et al.* 2013). No PARNA de Boa Nova foram registradas 2 espécies em Floresta

Omrófila Densa. As espécies encontradas são endêmicas da Mata Atlântica do Brasil. *Odontocarya vitis* não possui dados suficientes para ser enquadrada em alguma das categorias de ameaça de acordo com o MMA (2010), mas é classificada, segundo a lista do Biodiversitas, (1992) como Vulnerável em seu estado de conservação.

102. *Chondodendron microphyllum* Miers

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 17 agosto 2013 (est.), *Brandão et al.* 322 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Santa Terezinha, 01 abril 2004 (fl.), *Neves*. 39 (HUEFS).

103. *Odontocarya vitis* Miers

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 359 (HUESB, UFP).

PASSIFLORACEAE

Está representada no Brasil por cerca de 150 espécies e se caracterizam por serem trepadeiras com folhas simples e alternas, glândulas e estípulas, além de gavinha na axila foliar (Nunes & Queiroz 2006). Das 7 espécies, herbáceas, encontradas na Floresta Ombrófila Densa do PARNA de Boa Nova apenas *Passiflora suberosa* ocorre em ambas as áreas. Araújo & Alves (2013) encontraram em floresta úmida de Pernambuco 11 espécies número muito superior ao do Parque. As espécies são amplamente distribuídas no Brasil, exceto por *P. organensis* que é endêmica da Mata Atlântica (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

104. *Passiflora alata* Curtis

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 19 abril 2013 (fl. fr.), *Brandão et al.* 293 (HUESB, UFP).

105. *Passiflora amethystina* J.C.Mikan

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 26 setembro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 176 (HUESB, UFP).

106. *Passiflora cincinnata* Mast.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 20 agosto 2013 (fl.), *Brandão et al.* 294 (HUESB, UFP).

107. *Passiflora edmundoi* Sacco

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (est.), *Brandão et al.* 356 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Ibicoara, 18 março 2008 (fl.), *Conceição, et al.* 650 (HUEFS).

108. *Passiflora foetida* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl. fr.), *Brandão et al.* 345 (HUESB, UFP).

109. *Passiflora malacophylla* Mast.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 de julho de 2013, (est.) *Brandão et al.* 319 (HUESB, UFP). Material adicional: Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, Pedra do Funil, 12 de janeiro de 2005 (fl.), *Gaglianone et al.* 35 (HUEFS).

110. *Passiflora organensis* Gardner.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (est.), *Brandão et al.* 317 (HUESB, UFP).

111. *Passiflora suberosa* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 setembro 2012 (fr.), *Brandão et al.* 107 (HUESB); Bahia, Boa Nova, FOD, 11 abril 2013 (fl. fr.), *Brandão et al.* 249 (HUESB, UFP).

PHYTOLACCACEAE

É representada no Brasil por 22 espécies, que em sua maioria ocorrem no estado da Bahia. Destaca-se pelas folhas simples, alternas e trinérveas e por vezes com um par de espinhos recurvados na base do pecíolo. A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova e em Floresta Estacional Semidecídua é uma trepadeira lenhosa amplamente distribuída no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) e cujo caule escandente apresenta espinhos como mecanismo de ascensão.

112. *Seguieria aculeata* Jacq.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 26 novembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 178 (HUESB, UFP).

RANUNCULACEAE

No Brasil ocorrem pouco mais de 11 espécies que apresentam folhas compostas e opostas e caule volúvel em seção transversal sem as cunhas de floema, o que a

diferencia das espécies de Bignoniaceae (Udulutsch 2004). A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova na Floresta Ombrófila Densa é uma trepadeira lenhosa, amplamente distribuída no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

113. *Clematis dioica* L.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (fr.), *Brandão et al.* 303 (HUESB, UFP).

RHAMNACEAE

Com cerca de 14 espécies no Brasil, se caracteriza pelas folhas simples e alternas e, quando trepadeiras, são lenhosas e apresentam margem serreada com glândulas conspícuas, estípulas e gavinha circinada na base da inflorescência (Udulutsch 2004). A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova e em Floresta Ombrófila Densa, e é amplamente distribuída no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

114. *Gouania blanchetiana* Miq.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fl., fr.), *Brandão et al.* 341 (HUESB, UFP).

RUBIACEAE

Está representada no Brasil por quase 1.400 espécies (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013). São plantas com folhas simples e opostas, com estípulas interpeciolares. A espécie trepadeira na família é lenhosa e apresenta caule volúvel como mecanismo de ascensão. A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova na Floresta Ombrófila Densa, e é amplamente distribuída no Brasil.

115. *Sabicea grisea* Cham. & Schtdl.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 julho 2013 (fr.), *Brandão et al.* 363 (HUESB, UFP).

SAPINDACEAE

Com cerca de 420 espécies no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013) se destaca pelas folhas compostas e alternas, estípulas presentes e nas trepadeiras o caule

em seção transversal é composto, podendo apresentar cilindros periféricos. As 5 espécies encontradas no PARNA de Boa Nova, 3 na FOD e 2 na FES, são lenhosas e apresentam gavinhas, como mecanismo de ascensão, na base da inflorescência ou em outras regiões do ramo. Entre os táxons registrados, apenas *Serjania cf. bahiana* ocorre na Floresta Estacional Semidecídua. São amplamente distribuídas no país exceto por *Serjania cuspidata* que é endêmica da Mata Atlântica (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

116. *Paullinia carpopoda* Cambess.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (fl.), *Brandão et al.* 312 (HUESB, UFP).

117. *Paullinia rubiginosa* Cambess.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 16 julho 2013 (fr.), *Brandão et al.* 201 (HUESB, UFP).

118. *Serjania cf. bahiana* Ferrucci.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 213 (HUESB, UFP).

119. *Serjania cuspidata* Cambess.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 07 fevereiro 2013 (fl.), *Brandão et al.* 299 (HUESB, UFP).

120. *Serjania caracasana* (Jacq.) Willd.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 28 agosto 2012 (fl.), *Brandão et al.* 85 (HUESB, UFP).

SMILACACEAE

Com cerca de 35 espécies no Brasil (Andreato 2013), são plantas dióicas com folhas simples e alternas, com o caule em geral com espinhos e gavinhas como projeção da bainha foliar (Andreato 1979). As espécies trepadeiras na família são lenhosas e apresentam gavinhas como mecanismo de ascensão. No PARNA de Boa Nova foram registradas 4 espécies, amplamente distribuídas no país (Andreato, 2013) e que 1 ocorre na FOD, 2 na FES, e *Smilax campestris* que também ocorre na Floresta Estacional Semidecídua.

121. *Smilax campestris* Griseb.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 28 agosto 2012 (est.), *Brandão et al.* 73 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Morro do Chapéu, 29 junho 2007 (fl.), *Melo et al.* 4834 (HUEFS).

122. *Smilax elastica* Griseb.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (est.), *Brandão et al.* 329 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Morro do Chapéu, 13 março 1996 (fl.), *Conceição et al.* 2348 (HUEFS).

123. *Smilax rufescens* Griseb.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 setembro 2012 (est.), *Brandão et al.*, 124 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Salvador, 30 de setembro de 1984 (fl.), *Queiroz, L.P* 871 (HUEFS).

124. *Smilax syphilitica* Humb & Bonpl. ex Willd.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 31 agosto 2013 (est.), *Brandão et al.* 351 (HUESB, UFP). Material adicional: Bahia, Amargosa, 25 janeiro 2007 (fl.), *Cardoso et al.* 1565 (HUEFS).

SOLANACEAE

Com quase 500 espécies (Stehmann *et al.* 2013), destaca-se pelas folhas simples e alternas, sem estípulas e com tricomas estrelados (Agra 1992). A única espécie registrada no PARNA de Boa Nova, na área de Floresta Ombrófila Densa é lenhosa, com caule volúvel e amplamente distribuída no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

125. *Lycianthes pauciflora* (Vahl) Bitter

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 07 fevereiro 2013 (fr.), *Brandão et al.* 206 (HUESB, UFP).

TRIGONIACEAE

Representada no Brasil por 20 espécies, possuem folhas simples e opostas membranáceas, subsésseis a pecioladas (Guimarães 1984). As trepadeiras são lenhosas e com caule volúvel. No PARNA de Boa Nova foram registradas 2 espécies na Floresta

Estacional Semidecídua e ambas são amplamente distribuídas no Brasil (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

126. *Trigonia laevis* Aubl.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 19 novembro 2012 (est.), *Brandão et al.* 145 (HUESB, UFP).

127. *Trigonia nivea* Cambess.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 07 abril 2013 (fl.), *Brandão et al.* 239 (HUESB, UFP).

VITACEAE

Com quase 50 espécies no Brasil, destaca-se pelas folhas compostas, alternas e gavinhas opostas às folhas, podendo ser ramificadas ou com discóforos nas extremidades (Lombardi 2002). São trepadeiras que tem as gavinhas como mecanismo de ascensão. No PARNA de Boa Nova foram registradas 2 espécies na Floresta Estacional Semidecídua e uma na Floresta Ombrófila Densa. As espécies registradas possuem ampla distribuição no Brasil, sendo *Cissus paulliniifolia* endêmica da Mata Atlântica (Lista de espécies da Flora do Brasil 2013).

128. *Cissus nobilis* Kuhlmann.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FOD, 31 agosto 2013 (est.), *Brandão et al.* 329 (HUESB, UFP).

129. *Cissus paulliniifolia* Vell.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 17 dezembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 186 (HUESB, UFP). Material adicional: Rio de Janeiro, Paraty, 01 de julho de 1988 (fl.), *Marquete et al.* 198 (HRCB).

130. *Cissus serroniana* (Glaz.) Lombardi.

Material examinado: Bahia, Boa Nova, FES, 22 setembro 2012 (fl.), *Brandão et al.* 133 (HUESB, UFP). Material adicional: Ibitipoca, 09 março 2004 (fl.), *Forzza et al.* 3053 (HRCB).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa PRFH – PB211, pelo apoio financeiro. Aos especialistas pelas identificações, M. Castro (Bignoniaceae), L. Paganucci (Fabaceae), J. Lombardi (Vitaceae), T. Buril (Convolvulaceae), T. Numes (Passifloraceae), A. Miranda (Apocynaceae), A. Rapini (Apocynaceae), A. Amorim (Malpighiaceae), A. Araújo (Aristolochiaceae), Almeida (Malpighiaceae), Me. Gêssica Costa (Cucurbitaceae), Me. D. Araújo (Dioscoreaceae), M. Del Rei (Menispermaceae), L. Aquino (Sapindaceae) e C. Troncoso (Asteraceae). A Regina Carvalho pelas ilustrações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acevedo-Rodriguez, P. & Woodbury, R.O. (2003). *Los bejucos de Puerto Rico*. Vol. 1. General Technical Report SO-58. U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Southern Forest Experiment Station, New Orleans, LA, 331 p.
- Agra, M. F. (1992). A New Species of *Solanum* Section *Micracantha* (Solanaceae) from Northeastern Brazil. *Novon* 2(3): 179-181.
- Amorim, A.M.; Jardim, J.G.; Lopes, M.M.M.; Fiaschi, P.; Borges, R.A.X.; Perdiz, R.O. & Thomas, W.W. (2009). Angiospermas em remanescentes de floresta montana no sul da Bahia, Brasil. *Biota Neotropica* 9: 313-348.
- _____. Thomas, W.W., Carvalho, A.M.V. & Jardim, J.G. (2008). Floristics of the Una Biological Reserve, Bahia, Brazil. In The Atlantic Coastal Forests of Northeastern Brazil (W.W. Thomas, ed.). *Memoirs of the New York Botanical Garden* 100: 67-146.
- Anderson, W. R. (1981). Malpighiaceae. In: Basset Maguire and collaborators. The botany of the Guayana Highland. Part XI. *Memoirs of the New York Botanical Garden*. 32: 21-305.
- Andreatta, R. H. P. (1979). *Smilax spicata* Vellozo (Smilacaceae): Considerações taxonômicas. *Rodriguésia* 31: 105-115.

- _____. (2003) Smilacaceae. In: Wanderley M.G.L, Shepherd GJ, Giulietti AM (coord.) *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*, v.3. Hucitec, São Paulo, p. 323-332
- APG III (The Angiosperm Phylogeny Group) (2009). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161:105-121
- Araújo, D. & Alves, M. (2010). Climbing plants of fragmented area of lowland Atlantic Forest, Igarassu, Pernambuco (northeastern Brazil). *Phytotaxa* 8: 1-24.
- _____ & _____. (2013). Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Passifloraceae S.S. *Rodriguésia* 64(2): 247-254.
- Araújo, F.S. & Martins, F.R. (1999). Fisionomia e organização da vegetação do carrasco no Planalto de Ibiapaba, estado do Ceará. *Acta Botanica Brasilica* 13(1): 1-13.
- Assis, M. A. (2008). Diversidade de trepadeiras em florestas brasileiras extra-amazônicas. In: Loiola, M. I. B.; Baseia, I. G.; Lichston, J. E. (Org.). *Atualidades, desafios e perspectivas da botânica no Brasil*. Imagem Gráfica. Natal, p. 307-309.
- Barros, F. & Capellari Jr., L. (2004). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Aristolochiaceae. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 22(1): 15-18.
- Batalha, M.A.; Aragaki, S. & Mantovani, W. (1997). Florística do cerrado em Emas (Pirassununga, SP). *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 16: 49-64.
- Bernacci, L.C. & Leitão Filho, H.F. (1996). Flora fanerogâmica da floresta da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. *Revista Brasileira de Botânica* 19(2): 149-164.
- Brasil. (1981). Ministério das Minas e Energia/Secretária Geral. *Projeto Radam Brasil, Folha SD 24 Salvador: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra*. Rio de Janeiro: Ministério de Minas e Energia/Secretária Geral (Levantamento de Recursos Naturais, 24).

- Bruniera, C.P. & Groppo, M. (2010). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Dilleniaceae. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo*. São Paulo 28 (1): 59-67.
- Brummitt, R.K. & Powell, C.E. (eds.) (1992) *Authors of Plant Names*. Royal Botanic Gardens, Kew, UK, 732 pp.
- Buril, M.T. & Alves, M. (2011). Flora da Usina São José: Convolvulaceae. *Rodriguésia* 62: 93-105.
- Carneiro, J.S. & Vieira, A.O.S. (2012). Trepadeiras: florística da Estação Ecológica do Caiuá e chave de identificação vegetativa para espécies do Norte do Estado do Paraná. *Acta Scientiarum* 34 (2): 217-223.
- Clinebell, R.R.; Phillips, O.L.; Gentry, A.H.; Stark, N. & Zuuring, H. (1995). Prediction of neotropical tree and liana species richness from soil and climatic data. *Biodiversity and Conservation* 4:56-90.
- Cordeiro, I. (1989). Flora Fanerogâmica do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (São Paulo, Brasil). Família 107- Euphorbiaceae. *Hoehnea* 16: 11-29.
- Darwin, C. (1865). On the movements and habits of climbing plants. *Journal of the Linnean Society Botany* 9: 1-118.
- Durigon, J.; Canto-Dorow, T.S. & Eisinger, S.M. (2009). Composição florística de trepadeiras ocorrentes em bordas de fragmentos de floresta estacional, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Rodriguésia* 60: 415-422.
- Foury, P. A. (1972). As matas do nordeste brasileiro e sua importância econômica. *Boletim Geográfico* 31(228): 1-126.
- French, J. C. (1977). Growth relationships of leaves and internodes in viny angiosperms with different modes of attachment. *American Journal of Botany*. Columbus 64(3): 292-304.
- Gentry, A. H. (1985). An ecotaxonomic survey of panamanian lianas. In: Arcy, W. G. D.; Correa, M. *Historia natural de Panama*. St. Louis: Missouri Botanical Garden, p. 29-42.

- Gentry, A.H. (1991). The distribution and evolution of climbing plants. In: F.E. Putz & H.A. Mooney. *The Biology of Vines*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 3-53.
- Gomes-Costa, G.A. & Alves, M. (2012). Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Cucurbitaceae. *Rodriguésia* 63:817-829.
- Gonçalves, E.G. & Lorenzi, H. (2007). *Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares*. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, Nova Odessa, 416p.
- Guimarães, E.F. (1984). Trigoniaceae brasileiras V. – Sobre a validade de *Trigonia microcarpa* Sagot & Warming. *Rodriguésia* 36 (58): 51-56.
- Harris, J. G. & Harris, M. W. (1994). *Plant identification terminology: an illustrated glossary*. Spring Lake: Spring Lake Publishing.
- Hegarty, E. E. (1991). Vine-host interactions. In: Putz, F. E, Mooney, H. A (eds). *The Biology of Vines*. Cambridge University Press, Cambridge, p. 357-375.
- _____ & Caballé G (1991) Distribution and abundance of vines in forest communities. In: *The Biology of Vines* (eds. F.E. Putz & H.A. Mooney) Cambridge University Press, Cambridge., p. 313-335.
- Hora, R.C. & Soares, J.J. (2002). Estrutura fitossociológica da comunidade de lianas em uma floresta estacional semidecidual na Fazenda Canchim, São Carlos, SP. *Revista Brasileira de Botânica* 25: 323-329.
- IPNI. (2013). The International Plant Names Index Disponível em <http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage> (Dezembro 2013).
- IUCN. (2013). *Red List Categories and Criteria: Version 3.1*. IUCN Species Survival Commission, IUCN, Gland. Disponível em <http://www.iucnredlist.org> (Agosto 2013)
- _____. (2013). *Guidelines for application of IUCN Red List Criteria at regional levels: Version 3.0*. IUCN Species Survival Commission, IUCN, Gland.

- Jordão, S. M. S. (2009). Manejo de lianas em bordas de floresta estacional semidecidual de cerrado, Santa Rita do Passa Quatro, São Paulo. Tese de doutorado. Escola Ensino Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 1-249
- Judd W.S.; Campbell, C.S.; Kellogg, E.A. & Stevens, P.F. (1999). *Plant systematics – A phylogenetic approach*. Sunderland, Sinauer Associates, 464p.
- Judd, W. S.; Campbell, C. S.; Kallog, E. A.; Stevens, P. F.; Donoghue, M. J.; Singer, R. B.; Singer, R. F.; Simões, A. O. & Chies, T. T. S. (2009). *Sistemática vegetal : um enfoque filogenético*. Porto Alegre: Artmed. 612 p.
- Kim, A.C. (1996). Lianas da Mata Atlântica do Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Klein, V.L.G. (2000). Estudos taxonômicos de *Cayaponia* Silva Manso (Cucurbitaceae) no Brasil. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lima, M.P.M.; Guedes-Bruni, R.R.; Sylvestre, L. da S.; Pessoa, S. de V.A. & Andreato, R.H.P. (1997). Padrões de distribuição geográfica das espécies vasculares da reserva Ecológica de Macaé de Cima. In: Lima, H.C. & Guedes-Bruni, R.R. (eds.). *Serra de Macaé de Cima: Diversidade florística e conservação em Mata Atlântica*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, p. 75-87.
- Lista de Espécies da Flora do Brasil. (2013). Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br> (Dezembro 2013).
- Lohmann, L.G. (2010). Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. (2013). Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br> (Dezembro 2013).
- Lombardi, J.A. (2002). Vitaceae. In: M.G.L. Wanderley; G.J. Shepherd & A.M. Giulietti (coords.). *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*. v.2. São Paulo, Ed. Hucitec.
- _____. (2002). *Cissus pinnatifolia* (Vitaceae), a new species from the Atlantic coast of Brazil. *Brittonia* 54: 175–177.

- Macedo, G.E.L. de. (2007). Composição florística e estrutura do componente arbóreo lianescente de um trecho de floresta estacional semidecídua no município de Jequié, Bahia, Brasil. Tese de doutorado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1-122.
- Melo, J.I.M. (2007). Uma nova espécie de *Tournefortia* L. (Boraginaceae s.l.) para o Nordeste do Brasil. *Hoehnea* 34: 155-158.
- Melo, A.; Araújo, A.A.M. & Alves, M. (2013). Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Aristolochiaceae e Piperaceae. *Rodriguésia* 64 (3): 543-553.
- MMA. (2000). *Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.
- Morellato, L.P. & Leitão Filho, H.F. (1998). Levantamento florístico da comunidade de trepadeiras de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. *Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro – Nova série botânica* 103: 1-15.
- _____. & _____. (1996). Reproductive phenology of climbers in a southeastern Brazilian Forest. *Biotropica* 28: 180-191.
- Myers, N.; Mittermeier, R.; Mittermeier, C.; Fonseca, G. & J. Kent. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- Neto, P. C. G. & Barbosa, M. R.V. (2012). Angiospermas trepadeiras, epífitas e parasitas da Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba. *Revista Nordestina de Biologia* 21(1):81-92.
- Nunes, T.S. & Queiroz, L.P. (2006). Flora da Bahia: Passifloraceae. *Sitientibus, Série Ciências Biológicas* 6(3): 194-226.
- Nurit, K.; Agra, M.F.; Basílio, I.J.L.D. & Baracho, G.S. (2005). Flora da Paraíba, Brasil: Loganiaceae. *Acta Botanica Brasilica* 19(2): 407-416.
- Oliveira, A.C.P.; Mota, M.L. & Loiola, M.I.B. (2012) Diversidade florística e chave de identificação de trepadeiras em uma floresta estacional semidecidual em Parnamirim –RN, Brasil. *Revista Caatinga* 25(2): 153-158, 154.

- Pedralli, G. G. (2002). Levantamento florístico das Dioscoreaceae (R. Br.) Lindley da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais e Bahia, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 20: 63-119.
- Peixoto, A. L. & Gentry, A. (1990). Diversidade e composição florística da mata de tabuleiro na Reserva Florestal de Linhares (Espírito Santo, Brasil). *Revista Brasileira de Botânica* 13:19 - 25.
- Peñalosa, J. (1984). Basal branching and vegetative spread in two tropical rain forest lianas. *Biotropica* 16(1): 1-9.
- Putz F. E & Mooney HA (eds). *The Biology of Vines*. Cambridge University Press, Cambridge, p. 313-335.
- Putz, F. E. (1984a). How trees avoid and shed lianas. *Biotropica* 16(1): 19-23.
- _____. (1984b). The natural history of lianas on Barro Colorado Island, Panama. *Ecology*. 65: 1713-1724.
- _____ & Holbrook, N.M. (1991). Biomechanical studies of vines. In: Putz, F.E , Mooney, H.A. (eds). *The Biology of Vines*. Cambridge University Press, Cambridge, p. 73-97.
- Rapini, A. (2010). Revisitando as Asclepiadoideae (Apocynaceae) da Cadeia do Espinhaço. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 28:97–123.
- Rezende, A.A. & Ranga, N.T. (2005). Lianas da Estação Ecológica do Nordeste Paulista, São José do Rio Preto / Mirassol, SP, Brasil. *Acta Botânica Brasílica* 19(2): 273-279.
- Richards, P.W. (1996). *The tropical rain forest: An ecological study*. 2nd ed. Cambridge, Cambridge University Press.
- Rizzini, C.T. (1997). *Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. Âmbito Cultural Edições, Rio de Janeiro.
- Rocha, A. A. (2008). Análise Socioambiental da Bacia do Rio Verruga e os processos de urbanização de Vitória da Conquista- BA. PDRS – Região sudoeste da Bahia

unidades geoambientais. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

- Rolim, S.G.; Ivanauskas, N.M.; Rodrigues, R.R.; Nascimento, M.T.; Gomes, J.M.L.; Folli, D.A. & Couto, H.T.Z. (2006). Composição Florística do estrato arbóreo da Floresta Estacional Semidecidual na Planície Aluvial do rio Doce, Linhares, ES, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20(3): 549-561.
- Santos, S.L. (2005). Dinâmica de Clareiras: Comportamento de espécies pioneiras e fatores que afetam sua colonização. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.
- Schenck, H. (1892) Beiträge zur Biologie und Anatomie der Lianen im Besonderom de in Brasillien einheimischem arten. Beiträge zur Biologie der Lianen. In: Schimper AFW (ed). *Botanische Mittheilungen aus den Tropen* 4:1-271.
- Schnitzer, S.A. & Bongers, F. (2002). The ecology of lianas and their role in forests. *Trends in Ecology and Evolution* 17: 223-230.
- SEI. (2014). Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Disponível em <http://www.sei.ba.gov.br/> (Janeiro 2014).
- Simão-Bianchini, R. 1998. *Ipomoea* L. (Convolvulaceae) no Sudeste do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Teixeira, M.D.; Amorim, A.M. & Santos, F.A.R. (2013). Pollen morphology of Menispermaceae in the state of Bahia, Brazil. *Acta Botanica Brasilica* 27(2): 436-444.
- Thomas, W.W.; Jardim, J.G.; Fiaschi, P. & Amorim, A.M. (2003). Lista preliminar das angiospermas localmente endêmicas do Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo, Brasil. In *Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do sul da Bahia* (P.I. Prado, E.C. Landau, R.T. Moura, L.P.S. Pinto, G.A.B. Fonseca & K. Alger, eds.). IESB/CI/CABS/UFMG/ UNICAMP, Ilhéus.
- Thomas, W.W.; Carvalho, A.M.V.; Amorim, A.M.; Garrison, J. & Santos, T.S. (2008). Diversity of woody plants in the Atlantic coastal forest of southern Bahia, Brazil. In *The Atlantic Coastal Forests of Northeastern Brazil* (W.W. Thomas, ed.). *Memoirs of the New York Botanical Garden* 100:21-66.

- Tibiriçá, Y.J.A.; Coelho, L.F.M. & Moura, L. C. (2006). Florística de lianas em um fragmento de floresta estacional semidecidual, Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa Quatro, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20: 339-346.
- Udulutsch, R.G. (2004). Composição florística da comunidade de lianas lenhosas em duas formações florestais do estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Piracicaba. 114p.
- Udulutsch, R. G.; Assis, M. A. & Picchi, D. G. (2004). Florística de trepadeiras numa floresta estacional semidecídua, Rio Claro-Araras, Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, 27 (1): 125-134.
- Udulustch, R. G.; Souza, V. C.; Rodrigues, R. R. & Dias, P. (2010). Composição florística e chaves de identificação para as lianas da Estação Ecológica dos Caetetus, estado de São Paulo, Brasil. *Rodriguésia* 61(4): 715-730.
- Vargas, B. C. (2012). Florística de trepadeiras em fragmentos de floresta estacional semidecidual em Uberlândia, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Veloso, H.P. (1992). Sistema fitogeográfico. In *Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. Rio de Janeiro, p. 9-38.
- Villagra, B.L.P. & Romaniuc Neto, S. (2010). Florística de trepadeiras no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências* 8: 186-200.
- Zoghbi, M.G.B.; Oliveira, J. & Guilhon, G, M.S.P. (2008). The genus *Mansoa* (Bignoniaceae): a source of organosulfur compounds. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 19(3): 795-804.

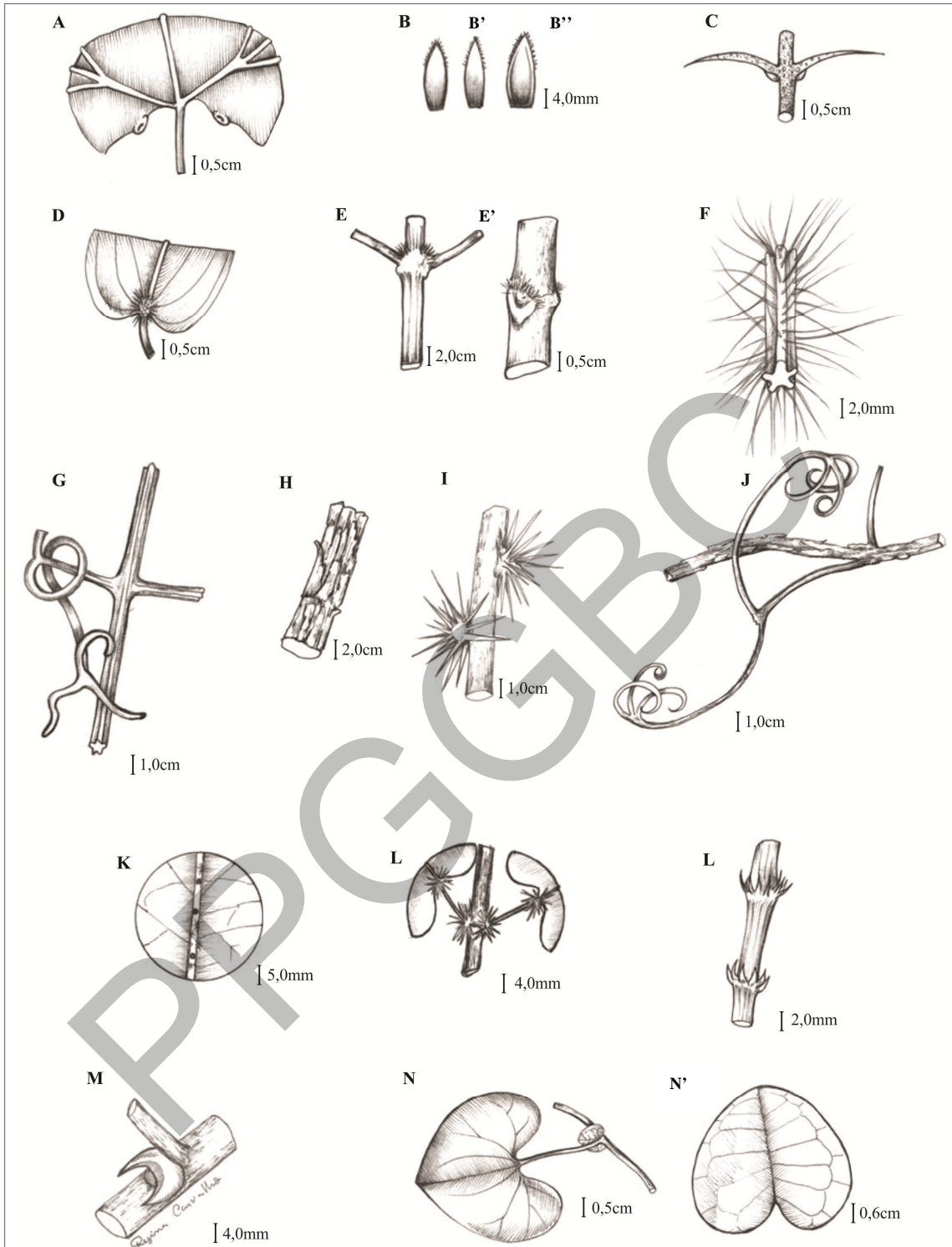


Figura 5. **A.** *Fevillea passiflora* Vell, glândulas. **B.** *Ipomoea regnellii* Meisn, sépala externa ciliada; **B'**. Sépala interna ciliada; e **B''**. *Ipomoea triloba* L, sépalas externas ciliadas. **C.** *Strychnos brasiliensis* (Spreng.) Mart, espinhos patentes nos nós dos ramos. **D.** *Mandevilla microphyla* (Stadelm.) M.F. Sales & Kinoshita, base da folha com tufo de pelos. **E.** *Blepharodon pictum* (Vahl) W.D.Stevens, coleteres nodais no ramo; **E'** Vista ampliada dos coleteres. **F.** *Serjania cuspidata* Cambess., caule com tricomas nas costas longitudinais. **G.** *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers, gavinha trífida. **H.** *Davilla kunthii* A. St.-Hil, caule com ritidoma papiráceo. **I.** *Pereskia aculeata* Mill., caule com aoréola de espinhos. **J.** *Dolichandra unguiculata* (Vell.) L. G. Lohmann, caule com ritidoma papiráceo e gavinha trífida uncinada. **K.** *Mateleia ganglionosa* (Vell.) Rapini, coleteres na lâmina foliar. **L.** *Mandevilla moricandiana* (A.DC.) Woodson, detalhe para os coleteres nodais. **M.** *Sequiaria aculeata* Jacq., espinhos recurvados nos nós dos ramos. **N.** *Aristolochia labiata* Willd, pseudo estípula no caule. **N'**. Detalhe da pseudo estípula com forma suborbicular.

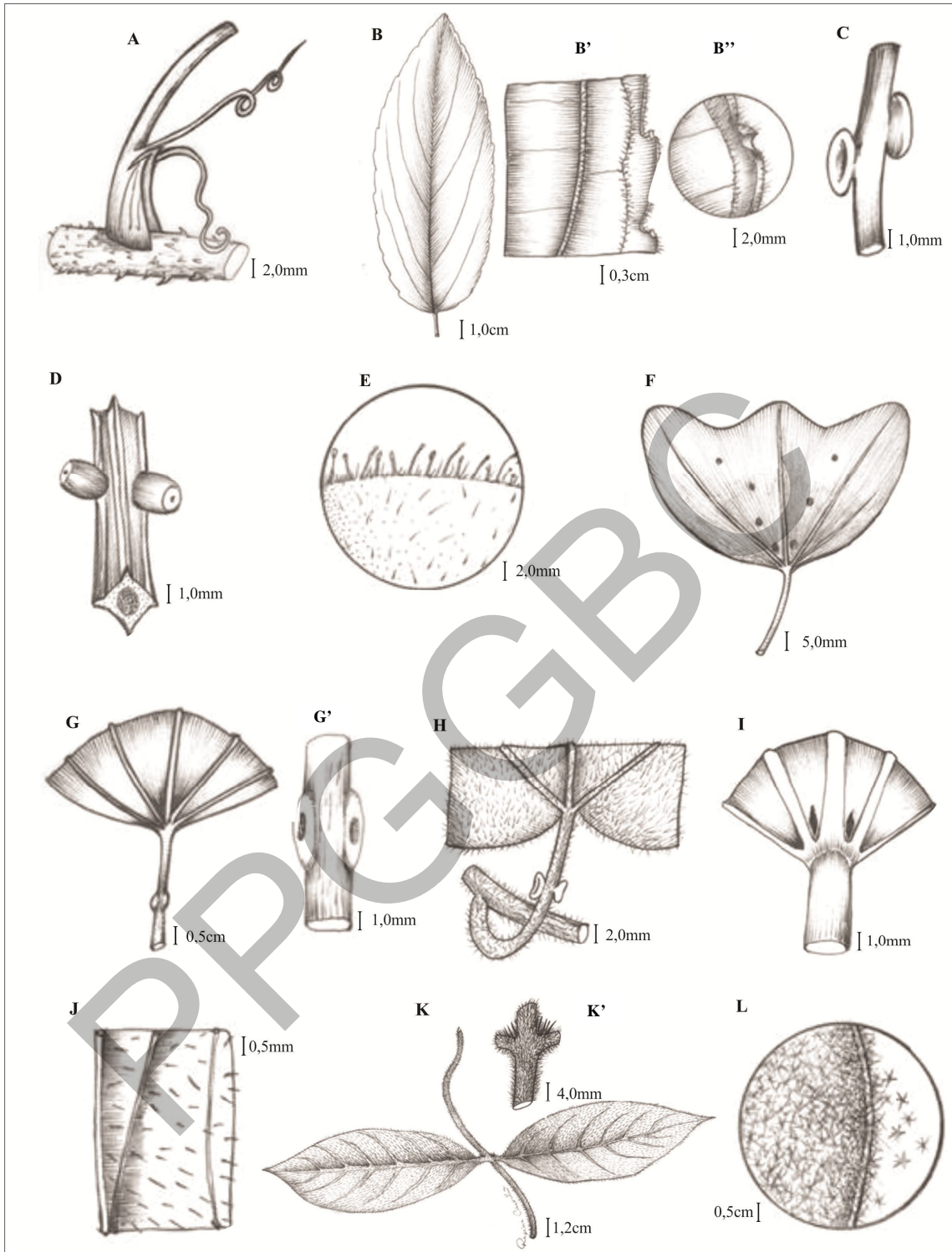


Figura 6. **A.** *Smilax siphilitica* Humb. & Bonpl. ex. Willd., detalhe para as alas filiformes da bainha. **B.** *Gouania blanchetiana* Miq., Folha inteira; **B'** Vista da margem foliar; **B''** Detalhe para as glândulas na margem. **C.** *Passiflora malacophylla* Mast., glândulas sésseis no pecíolo. **D.** *Passiflora alata* Curtis, caule quadrado e glândulas estipitadas no pecíolo. **E.** *Passiflora foetida* L., tricomas glandulares na folha. **F.** *Passiflora organensis* Gardner., manchas oclares (glândulas). **G.** *Passiflora cincinnata* Mast., folha inteira e pecíolo; **G'** Ampliação das glândulas sésseis no pecíolo. **H.** *Passiflora suberosa*, glândulas côncavas estipitadas. **I.** *Odontocarya vitis* Miers, domáceas na folha. **J.** *Dioscorea cinnamomifolia* Hook., tricomas negros na folha. **K.** *Prestonia bahiensis* Müll.Arg., vista da inserção da folha no ramo; **K'** Detalhe para os coleteres interpeciolares. **L.** *Jacquemontia ferruginea* var. *ambigua* Choisy., tricomas estrelados na folha.

PPGGGBO

PPGGGBC



Capítulo 2

Guia a ser enviado para

Rapid Color Guides from Field Museum

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

1

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marccus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.
Photos by Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.
© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmh.org/plantguides] [rcc@fieldmuseum.org] **Rapid Color Guide # 000** version 1 X/2014



1 *Blepharodon pictum*
APOCYNACEAE



2 *Blepharodon pictum*
APOCYNACEAE



3 *Mandevilla moricandiana*
APOCYNACEAE



4 *Mandevilla moricandiana*
APOCYNACEAE



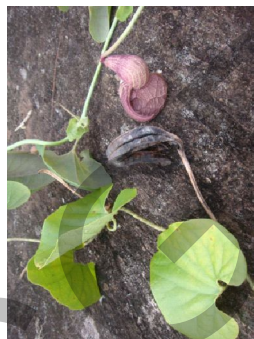
5 *Marsdenia hilariana*
APOCYNACEAE



6 *Matelea ganglionosa*
APOCYNACEAE



7 *Secondatia floribunda*
APOCYNACEAE



8 *Aristolochia labiata*
ARISTOLOCHIACEAE



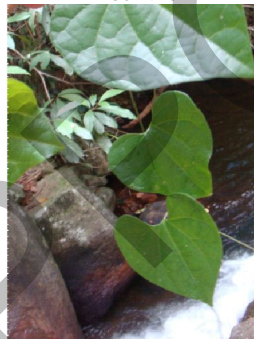
9 *Aristolochia labiata*
ARISTOLOCHIACEAE



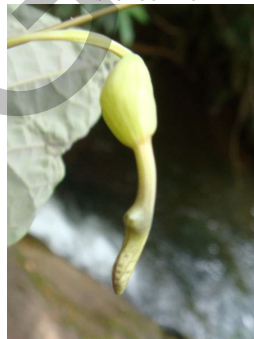
10 *Aristolochia pubescens*
ARISTOLOCHIACEAE



11 *Aristolochia pubescens*
ARISTOLOCHIACEAE



12 *Aristolochia tamnifolia*
ARISTOLOCHIACEAE



13 *Aristolochia tamnifolia*
ARISTOLOCHIACEAE



14 *Herreria glaziovii*
ASPARAGACEAE



15 *Herreria glaziovii*
ASPARAGACEAE



16 *Mikania hemisphaerica*
ASTERACEAE



17 *Mikania rotundifolia*
ASTERACEAE



18 *Mikania rotundifolia*
ASTERACEAE



19 *Mikania trinervis*
ASTERACEAE



20 *Trixis divaricata*
ASTERACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

2

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marcus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.

Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.

© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmh.org/plantguides] [rjc@fieldmuseum.org]

Rapid Color Guide# 000 version 1 X2014



21 *Trixis divaricata*
ASTERACEAE



22 *Adenocalymma comosum*
BIGNONIACEAE



23 *Adenocalymma comosum*
BIGNONIACEAE



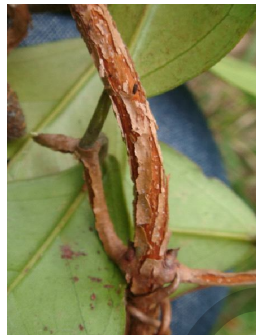
24 *Amphilophium paniculatum*
BIGNONIACEAE



25 *Amphilophium paniculatum*
BIGNONIACEAE



26 *Dolichandra unguiculata*
BIGNONIACEAE



27 *Dolichandra unguiculata*
BIGNONIACEAE



28 *Fridericia platyphylla*
BIGNONIACEAE



29 *Fridericia platyphylla*
BIGNONIACEAE



30 *Fridericia triplinervea*
BIGNONIACEAE



31 *Fridericia triplinervea*
BIGNONIACEAE



32 *Lundia virginalis*
BIGNONIACEAE



33 *Lundia virginalis*
BIGNONIACEAE



34 *Pyrostegia venusta*
BIGNONIACEAE



35 *Pleonotoma mieloides*
BIGNONIACEAE



36 *Pereskia aculeata*
CACTACEAE



37 *Dichorisanthra hexandra*
COMELINACEAE



38 *Ipomoea triloba*
CONVOLVULACEAE



39 *Jacquemontia choysiana*
CONVOLVULACEAE



40 *Jacquemontia choysiana*
CONVOLVULACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

3

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marcus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.

Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.

© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmnh.org/plantguides] [rrc@fieldmuseum.org]

Rapid Color Guide# 000 version 1 X/2014



41 *Jacquemontia ferruginea*
CONVOLVULACEAE



42 *Jacquemontia ferruginea*
CONVOLVULACEAE



43 *Jacquemontia nodiflora*
CONVOLVULACEAE



44 *Merremia macrocalix*
CONVOLVULACEAE



45 *Merremia macrocalix*
CONVOLVULACEAE



46 *Cayaponia trifoliolata*
CUCURBITACEAE



47 *Cayaponia trifoliolata*
CUCURBITACEAE



48 *Gurania bignoniaceae*
CUCURBITACEAE



49 *Gurania bignoniaceae*
CUCURBITACEAE



50 *Gurania bignoniaceae*
CUCURBITACEAE



51 *Gurania subumbellata*
CUCURBITACEAE



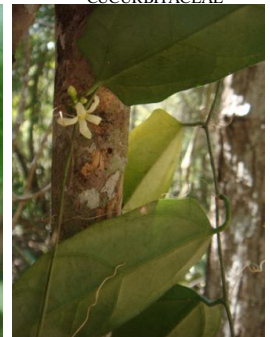
52 *Gurania subumbellata*
CUCURBITACEAE



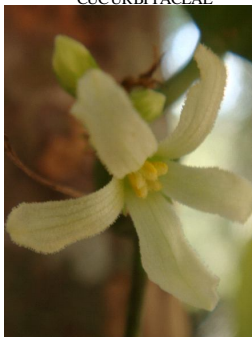
53 *Melothria pendula*
CUCURBITACEAE



54 *Melothria pendula*
CUCURBITACEAE



55 *Melothrianthus smilaci folius*
CUCURBITACEAE



56 *Melothrianthus smilaci folius*
CUCURBITACEAE



57 *Momordica charantia*
CUCURBITACEAE



58 *Momordica charantia*
CUCURBITACEAE



59 *Davilla Kunthi*
DILLENIACEAE



60 *Tetracera empedoclea*
DILLENIACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

4

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marcus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.
Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.
© ECCo, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmnh.org/plantguides] [irc@fieldmuseum.org]

Rapid Color Guide# 000 version 1 X2014



61 *Tetracera empedoclea*
DILLENIACEAE



62 *Tetracera empedoclea*
DILLENIACEAE



63 *Dioscorea altissima*
DIOSCOREACEAE



64 *Dioscorea altissima*
DIOSCOREACEAE



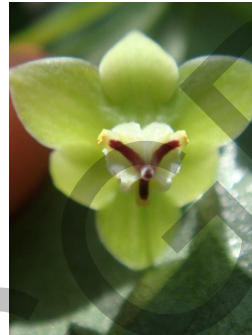
65 *Dioscorea cinnamomifolia*
DIOSCOREACEAE



66 *Dioscorea cinnamomifolia*
DIOSCOREACEAE



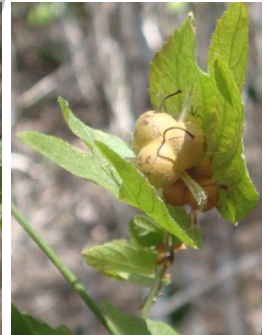
67 *Dioscorea subhastata*
DIOSCOREACEAE



68 *Dioscorea subhastata*
DIOSCOREACEAE



69 *Dalechampia scandens*
EUPHORBIACEAE



70 *Dalechampia scandens*
EUPHORBIACEAE



71 *Centrosema virginianum*
FABACEAE



72 *Cratylia hyparginea*
FABACEAE



73 *Cratylia hyparginea*
FABACEAE



74 *Calopogonium mucunoides*
FABACEAE



75 *Calopogonium mucunoides*
FABACEAE



76 *Galactia striata*
FABACEAE



77 *Galactia striata*
FABACEAE



78 *Mimosa sensitiva*
FABACEAE



79 *Mimosa sensitiva*
FABACEAE



80 *Mucuna urens*
FABACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

5

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marcus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.

Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.

© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fnmh.org/plantguides] [irc@fieldmuseum.org]

Rapid Color Guide # 000 version 1 X/2014



81 *Mucuna urens*
FABACEAE



82 *Poirétia punctata*
FABACEAE



83 *Vigna caracalla*
FABACEAE



84 *Amorimia rigida*
MALPIGHIACEAE
Foto: Lucas Maninho



85 *Janusia schwannioides*
MALPIGHIACEAE



86 *Janusia schwannioides*
MALPIGHIACEAE



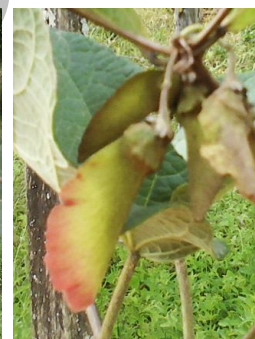
87 *Heteropterys megaptera*
MALPIGHIACEAE



88 *Heteropterys megaptera*
MALPIGHIACEAE



89 *Stigmaphyllon saxicola*
MALPIGHIACEAE



90 *Stigmaphyllon saxicola*
MALPIGHIACEAE



91 *Stigmaphyllon alternifolium*
MALPIGHIACEAE



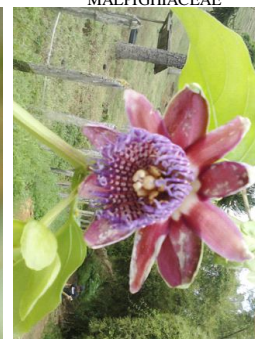
92 *Carolus chasei*
MALPIGHIACEAE



93 *Odontocarya vitis*
MENISPERMACEAE



94 *Odontocarya vitis*
MENISPERMACEAE



95 *Passiflora alata*
PASSIFLORACEAE



96 *Passiflora alata*
PASSIFLORACEAE



97 *Passiflora edmundoi*
PASSIFLORACEAE



98 *Passiflora edmundoi*
PASSIFLORACEAE



99 *Passiflora cincinnata*
PASSIFLORACEAE



100 *Passiflora amethystina*
PASSIFLORACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

6

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licona de Macedo² & Marcus Alves³

1 Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; 2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; 3 Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.

Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.

© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmh.org/plantguides] [irc@fieldmuseum.org]

Rapid Color Guide # 000 version 1 X2014



101 *Passiflora amethystina*
PASSIFLORACEAE



102 *Passiflora foetida*
PASSIFLORACEAE



103 *Passiflora suberosa*
PASSIFLORACEAE



104 *Passiflora suberosa*
PASSIFLORACEAE



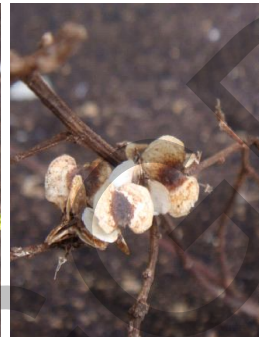
105 *Clematis dioica*
RANUNCULACEAE



106 *Clematis dioica*
RANUNCULACEAE



107 *Gouania blanchetiana*
RHAMNACEAE



108 *Gouania blanchetiana*
RHAMNACEAE



109 *Serjania cuspidata*
SAPINDACEAE



110 *Serjania cuspidata*
SAPINDACEAE



111 *Paullinia rubiginosa*
SAPINDACEAE



112 *Paullinia rubiginosa*
SAPINDACEAE



113 *Sabicea grisea*
RUBIACEAE



114 *Sabicea grisea*
RUBIACEAE



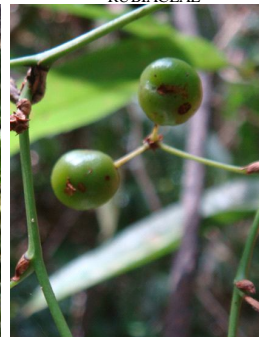
115 *Lycianthes pauciflora*
SOLANACEAE



116 *Lycianthes pauciflora*
SOLANACEAE



117 *Smilax campestris*
SMILACACEAE



118 *Smilax campestris*
SMILACACEAE



119 *Smilax siphilitica*
SMILACACEAE



120 *Smilax siphilitica*
SMILACACEAE

Climbing plants of the “Parque Nacional de Boa Nova”, Bahia, Brasil

Girlande de Souza Brandão^{1,2}, Guadalupe Licon de Macedo² & Marccus Alves³

¹ Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação; ² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Biológicas; ³ Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Recife, Pernambuco, Brasil.

Photos by Girlande de Souza Brandão. Produced by: Girlande de Souza Brandão. © Girlande de Souza Brandão [girlandebrandao@yahoo.com.br] Support from PFRH211, PETROBRAS.

© ECCO, The Field Museum, Chicago, IL 60605 USA. [www.fmh.org/plantguides] [rrc@fieldmuseum.org]

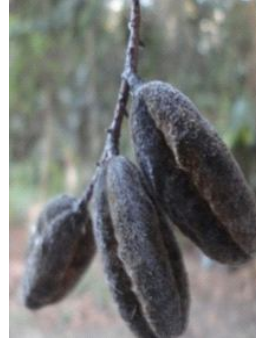
Rapid Color Guide # 000 version 1 X/2014



121 *Trigonía nivea*
TRIGONIAACEAE



122 *Trigonía nivea*
TRIGONIAACEAE



123 *Trigonía nivea*
TRIGONIAACEAE



124 *Cissus paulliniifolia*
VITACEAE



125 *Cissus paulliniifolia*
VITACEAE



Floresta Estacional Semidecídua



Floresta Ombrófila Densa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As constatações de 22 espécies endêmicas da Mata Atlântica, 6 novas ocorrências para o Nordeste do Brasil e 2 espécies Vulneráveis no estado de conservação, além de 4 novas ocorrências para a Bahia e 4 espécies consideradas endêmicas da Caatinga que foram encontradas na Floresta Estacional Semidecídua, demonstram a importância do trabalho florístico.
- Por conta do Parque Nacional de Boa Nova ser uma região de transição entre Caatinga e Mata Atlântica, esta última com duas distintas fisionomias, Floresta Ombrófila Densa e Floresta Estacional Semidecídua, acredita-se que houve um incremento no número de espécies, com características de florestas secas e úmidas.
- Com relação à ocorrência de espécies, algumas foram encontradas uma única vez ao longo do desenvolvimento do estudo, fato que permite talvez que estas serem enquadradas numa categoria de ocorrência rara para algumas áreas do Parque. Na área de Floresta Estacional Semidecídua, destaca-se *Piptocarpha oblonga* (Gardner) Baker (Asteraceae), *Pereskia aculeata* Mill. (Cactaceae), *Melothrianthus smilacifolius* (Cogn.) Mart.Crov. (Cucurbitaceae), *Poiretia punctata* Desv. (Fabaceae), *Seguieria aculeata* Jacq. (Phytolaccaceae). Do mesmo modo, na área de Floresta Ombrófila Densa, as espécies *Aristolochia pubescens* Willd. ex Duch., *Aristolochia tamnifolia* (Klotzsch) Duch (Aristolochiaceae), *Dolichandra unguiculata* (Vell.) L. G. Lohmann (Bignoniaceae), *Heteropterys megaptera* A.Juss. (Malpighiaceae).
- Apesar do PARNA, legalmente, ser uma área protegida, os impactos e perturbações na região ainda são muito severos. Assim, os resultados apontam uma alta diversidade de espécies e reforçam a necessidade de outros estudos florísticos de trepadeiras na porção central da Mata Atlântica brasileira. Além da continuidade da realização do estudo de outros componentes vegetacionais da região.

PPGGGBC

Nome	Mecanismos de ascensão	Grau de lenhosa	Voucher/Nº GSB
APOCYNACEAE			
<i>Blepharodon pictum</i> (Vahl) W.D.Stevens	Volúvel	Lenhosa	323
<i>Ditassa pohliana</i> E.Fourn	Volúvel	Lenhosa	285
<i>Mandevilla microphyla</i> (Stadelm.) M.F. Sales & Kinoshita- Gouvêa	Volúvel	Lenhosa	253
<i>Mandevilla moricandiana</i> (A.DC.) Woodson	Volúvel	Lenhosa	136
<i>Marsdenia hilariana</i> E. Forum	Volúvel	Lenhosa	251
<i>Matelea ganglionosa</i> (Vell.)	Volúvel	Lenhosa	257
<i>Matelea maritima</i> (Jacq.) Woodson	Volúvel	Lenhosa	220
<i>Prestonia bahiensis</i> Müll.Arg	Volúvel	Lenhosa	286
<i>Secondatia floribunda</i> A.DC.	Volúvel	Lenhosa	223
ARISTOLOCHACEAE			
<i>Aristolochia labiata</i> Willd.	Volúvel	Herbácea	351
<i>Aristolochia pubescens</i> Willd. ex Duch.	Volúvel	Herbácea	357
<i>Aristolochia tamnifolia</i> (Klotzsch) Duch.	Volúvel	Herbácea	362
ASPARAGACEAE			
<i>Herreria glaziovii</i> Lecomte	Vol./ Esc.	Herbácea	240
ASTERACEAE			
<i>Mikania cf. trinervis</i> Hook. & Arn.	Volúvel	Lenhosa	147
<i>Mikania hemisphaerica</i> Sch.Bip. ex Baker	Volúvel	Herbácea	310
<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	Volúvel	Lenhosa	331
<i>Mikania rotundifolia</i> G.M.Barroso	Volúvel	Lenhosa	351
<i>Piptocarpha oblonga</i> (Gardner) Baker	Volúvel	Lenhosa	200
<i>Trixis cf. divaricata</i> (Kunth) Spreng	Volúvel	Lenhosa	131
BIGNONIACEAE			
<i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.	Preênsil	Lenhosa	146
<i>Amphilophium paniculatum</i> (L.) Kunth	Preênsil	Lenhosa	328
<i>Anemopaegma laeve</i> DC.	Preênsil	Lenhosa	372
<i>Cuspidaria cf. floribunda</i> (DC.) A.H.Gentry	Preênsil	Lenhosa	169

<i>Dolichandra unguiculata</i> (Vell.) L. G. Lohmann	Preênsil	Lenhosa	342
<i>Fridericia celastroides</i> (Bureau ex K.Schum.) L.G.Lohmann	Preênsil	Lenhosa	174
<i>Fridericia cuneifolia</i> (DC.) L.G.Lohmann	Preênsil	Lenhosa	53
<i>Fridericia dispar</i> (Bureau ex K.Schum.) L.G.Lohmann	Preênsil	Lenhosa	284
<i>Fridericia platyphylla</i> (Cham.) L. G. Lohmann	Preênsil	Lenhosa	258
<i>Fridericia triplinervia</i> (Mart. ex DC.) L.G.Lohmann	Preênsil	Lenhosa	364
<i>Lundia virginalis</i> DC.	Preênsil	Lenhosa	215
<i>Pleonotoma melioides</i> (S.Moore) A.H.Gentry	Preênsil	Lenhosa	04
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Preênsil	Lenhosa	60
<i>Stizophyllum perforatum</i> (Cham.) Miers	Preênsil	Lenhosa	159
BORAGINACEAE			
<i>Tournefortia candidula</i> (Miers) I.M.Johnst.	Volúvel	Lenhosa	89
<i>Tournefortia villosa</i> Salzm. ex. DC	Volúvel	Lenhosa	50
CACTACEAE			
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Vol./ Esc.	Lenhosa	17
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea aff. longistamina</i> O'Donell	Volúvel	Herbácea	335
<i>Ipomoea aristolochiaefolia</i> (H.B.K.) G. Don.	Volúvel	Herbácea	295
<i>Ipomoea longistamina</i> O'Donell	Volúvel	Herbácea	15
<i>Ipomoea pintoii</i> O'Donell	Volúvel	Herbácea	31
<i>Ipomoea regnellii</i> Meisn.	Volúvel	Herbácea	199
<i>Ipomoea tiliacea</i> L.	Volúvel	Herbácea	198
<i>Ipomoea triloba</i> L.	Volúvel	Herbácea	268
<i>Jacquemontia choisyana</i> Meisner	Volúvel	Herbácea	36/241
<i>Jacquemontia ferruginea</i> var. <i>ambigua</i> Choisy	Volúvel	Herbácea	216
<i>Jacquemontia nodiflora</i> (Desr.)G.Don	Volúvel	Herbácea	219
<i>Merremia macrocalix</i> (Ruiz & Pav) O'Donell	Volúvel	Lenhosa	203/254
COMMELINACEAE			
<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) Standl.	Volúvel	Herbácea	295

CUCURBITACEAE

<i>Apodanthera villosa</i> C.Jeffrey	Preênsil	Herbácea	52
<i>Cayaponia trilobata</i> (Cogn.) Cogniaux.	Preênsil	Herbácea	208
<i>Cayaponia trifoliolata</i> (Cogn.) Cogniaux.	Preênsil	Herbácea	197
<i>Fevillea passiflora</i> Vell.	Preênsil	Herbácea	262
<i>Gurania aff. tricuspidata</i> Cogn.	Preênsil	Herbácea	271
<i>Gurania bignoniaceae</i> (Poepp. & Endl.) C.Jeffrey	Preênsil	Herbácea	276
<i>Gurania subumbellata</i> (Mig.) Cogn.	Preênsil	Herbácea	278
<i>Melothria pendula</i> L.	Preênsil	Herbácea	265
<i>Melothrianthus smilacifolius</i> (Cogn.) Mart.Crov.	Preênsil	Herbácea	336
<i>Momordica charantia</i> L.	Preênsil	Herbácea	283
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw	Preênsil	Herbácea	366

DILLENIACEAE

<i>Davilla kunthi</i> A. St.-Hil	Volúvel	Lenhosa	295
<i>Tetracera empedoclea</i> Gilg	Volúvel	Lenhosa	314

DIOSCOREACEAE

<i>Dioscorea altissima</i> Rizzini & A.Mattos	Vol./ Esc.	Herbácea	210
<i>Dioscorea campestris</i> Griseb.	Volúvel	Herbácea	44
<i>Dioscorea cinnamomifolia</i> Hook.	Volúvel	Herbácea	45
<i>Dioscorea subhastata</i> Vell.	Volúvel	Herbácea	339
<i>Dioscorea aff. laxiflora</i> Mart. ex Griseb.	Volúvel	Herbácea	141

EUPHORBIACEAE

<i>Dalechampia leandrii</i> Lam.	Volúvel	Herbácea	
<i>Dalechampia scandens</i> Lam.	Volúvel	Herbácea	69
<i>Dalechampia ficifolia</i> Lam.	Volúvel	Lenhosa	350
<i>Tragia volubilis</i> L.	Volúvel	Herbácea	160

FABACEAE

<i>Calopogonium mucunoides</i> Desv.	Volúvel	Lenhosa	367
<i>Centrosema virginianum</i> (L.) Benth.	Volúvel	Lenhosa	80/156
<i>Chaetocalyx scandens var. pubescens</i> (DC.) Rudd	Volúvel	Lenhosa	300
<i>Cratylia hyparginea</i> Benth.	Volúvel	Lenhosa	242
<i>Galactia striata</i> (Jacq.) Urb.	Volúvel	Lenhosa	243/367

<i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet.	Volúvel	Lenhosa	370
<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	Vol. / Esc.	Lenhosa	28
<i>Mimosa sensitiva</i> L.	Vol. / Esc.	Lenhosa	198
<i>Mimosa invisa</i> Mart. ex Colla	Vol. / Esc.	Lenhosa	274
<i>Mucuna urens</i> L.	Volúvel	Lenhosa	275
<i>Parapiptadenia blanchetii</i> (Benth.) Vaz & M.P.Lima	Vol. / Esc.	Lenhosa	181
<i>Phanera microstachya</i> (Raddi) L.P. Queiroz	Preênsil	Lenhosa	21
<i>Phanera outimouta</i> (Aubl.) L.P. Queiroz	Preênsil	Lenhosa	348
<i>Phanera trichosepala</i> L.P. Queiroz	Preênsil	Lenhosa	54
<i>Poiretia punctata</i> Desv.	Volúvel	Lenhosa	353
<i>Senegalia pteridifolia</i> (Benth.) Seigler & Ebinger	Vol. / Esc.	Lenhosa	135
<i>Vigna caracalla</i> (L.) Verdc.	Volúvel	Lenhosa	440
<i>Vigna longifolia</i> (Benth.) Verdc.	Volúvel	Lenhosa	441
<i>Rhynchosia phaseoloides</i> (Sw.) DC.	Volúvel	Lenhosa	270
PHYTOLACCACEAE			
<i>Seguiera aculeata</i> Jacq.	Escandente	Lenhosa	178
LOGANIACEAE			
<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	Escandente	Lenhosa	183
MALPIGHIACEAE			
<i>Amorimia rigida</i> (A.Juss.) W.R.Anderson	Volúvel	Lenhosa	Marinho, 396
<i>Banisteriopsis multifoliolata</i> (A.Juss.) B.Gates	Volúvel	Lenhosa	Aona, 2025
<i>Carolus chasei</i> W.R.Anderson	Volúvel	Lenhosa	236
<i>Heteropterys brunnea</i> Sebastiani & Mamede	Volúvel	Lenhosa	142
<i>Heteropterys nordestina</i> (Amorim).	Volúvel	Lenhosa	360
<i>Heteropterys megaptera</i> A.Juss.	Volúvel	Lenhosa	344
<i>Heteropterys macrostachya</i> A.Juss.	Volúvel	Lenhosa	250
<i>Heteropterys cf. trigoniifolia</i>	Volúvel	Lenhosa	148
<i>Janusia schwannioides</i> W.R.Anderson	Volúvel	Lenhosa	99
<i>Stigmaphyllon alternifolium</i> A. Juss.	Volúvel	Lenhosa	279
<i>Stigmaphyllon saxicola</i> C.E.Anderson	Volúvel	Lenhosa	324
MENISPERMACEAE			
<i>Chondodendron microphyllum</i> Miers	Volúvel	Lenhosa	322

<i>Odontocarya vitis</i> Miers	Volúvel	Lenhosa	359
PASSIFLORACEAE.			
<i>Passiflora alata</i> Curtis EW	Preênsil	Herbácea	293
<i>Passiflora amethystina</i> J.C.Mikan	Preênsil	Herbácea	176
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Preênsil	Lenhosa	294
<i>Passiflora suberosa</i> L.	Preênsil	Herbácea	249/356
<i>Passiflora foetida</i> L	Preênsil	Herbácea	345
<i>Passiflora malacophylla</i> Mast	Preênsil	Herbácea	319
<i>Passiflora edmundoi</i> Sacco	Preênsil	Herbácea	356
<i>Passiflora organensis</i> Gardner	Preênsil	Herbácea	317
RHAMNACEAE.			
<i>Gouania blanchetiana</i> Miq.	Preênsil	Lenhosa	341
RANUNCULACEAE			
<i>Clematis dioica</i> L.	Volúvel	Lenhosa	303
RUBIACEAE			
<i>Sabicea grisea</i> Cham. & Schltldl.	Volúvel	Lenhosa	363
SAPINDACEAE			
<i>Paullinia carpodoea</i> Cambess.	Preênsil	Lenhosa	312
<i>Paullinia rubiginosa</i> Cambess.	Preênsil	Lenhosa	201
<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Preênsil	Lenhosa	85
<i>Serjania cf. bahiana</i> Ferrucci.	Preênsil	Lenhosa	213
<i>Serjania cuspidata</i> Cambess.	Preênsil	Lenhosa	299
SMILACACEAE			
<i>Smilax campestris</i> Griseb.	Preênsil	Herbácea	47/73
<i>Smilax syphilitica</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Preênsil	Herbácea	351
<i>Smilax rufescens</i> Griseb.	Preênsil	Herbácea	124
<i>Smilax elastica</i> Griseb.	Preênsil	Herbácea	329
SOLANACEAE			
<i>Lycianthes pauciflora</i> Barboza & Hunz.	Volúvel	Herbácea	206

TRIGONIACEAE

<i>Trigonía nivea</i> Cambess.	Volúvel	Lenhosa	145
<i>Trigonía laevis</i> Aubl.	Volúvel	Lenhosa	239

VITACEAE

<i>Cissus paulliniifolia</i> Vell.	Preênsil	Lenhosa	313
<i>Cissus nobilis</i> Kuhl.	Preênsil	Lenhosa	186
<i>Cissus serroniana</i> (Glaz.) Lombardi.	Preênsil	Lenhosa	133

PPGGGBC